



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO ARAGUAIA-TOCANTINS

JOANA DARC DE OLIVEIRA CUNHA

**O IMPACTO DA USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ NA VILA SANTA
TEREZINHA DO TAUIRY: ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS**

MARABÁ, PA
2017

JOANA DARC DE OLIVEIRA CUNHA

**O IMPACTO DA USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ NA VILA SANTA
TEREZINHA DO TAUIRY: ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal Sul e Sudeste do Pará, para obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador (a) Profa. Dra. Marilza Sales Costa

**MARABÁ, PA
2017**

JOANA DARC DE OLIVEIRA CUNHA

O IMPACTO DA USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ NA VILA SANTA TEREZINHA DO TAUIRY: ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências sociais da Universidade Federal Sul e Sudeste do Pará como exigência parcial para obtenção do Título de Bacharelado e Licenciatura em ciências sociais.

Aprovação em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marilza Sales Costa (Unifesspa)
(Orientadora)

Prof. Dr. Cloves Barbosa (Unifesspa)
(Membro)

Profa MSc. Vanessa Frazão Lima (Unifesspa)
(Membro)

Dedico esta conquista à minha amada mãe, Maria Selma que ao longo de sua jornada me ensinou pelo exemplo que o impossível não existe para quem tem um sonho. Dedico esta realização à minha querida avó Mãezinha Izabel, (*in* memória), por inculcar em mim o sentimento de que sou única e que minha trajetória é especial. Nunca esquecerei seu doce olhar. Dedico a meu filho Yohan Gabriel, razão da minha luta diária em busca de uma vida melhor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que permitiu viver este momento, por ter me possibilitado estar firme durante toda essa trajetória, trazendo alegria aos meus pais e a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos meus irmãos Jovane, Jordão, Tiago, Timóteo, Janaina, Janicléia e Jeová, ao meu pai José Maria pela torcida e força. Mesmo a distancia fortalecemos uns aos outros, pois juntos somos a família Real.

Sou grata a meu esposo Wilson Marcos pela compreensão e o incentivo de sempre, por compreender a importância dessa conquista e aceitar a minha ausência quando necessário.

Agradeço à minha querida madrinha Edna Lemos, por ser o divisor de águas entre minha infância e juventude, me proporcionando ensinamentos e lembranças que jamais serão esquecidas.

Agradeço às Irmãs Teresianas, por me ajudarem em todos os aspectos, pessoal, econômico, espiritual, principalmente ao longo destes quase cinco anos de graduação.

Agradeço a Ir. Josefa, minha mentora, por meio da qual tive o primeiro contato com as ciências sociais e que não poupou esforços me auxiliando sempre que necessário.

Agradeço aos moradores da Vila Tauiry, na pessoa do Sr. Zé Nicolau, que em sua simplicidade me receberam e se mostraram dispostos a contribuir com a pesquisa. Agradecê-los por partilharem comigo suas experiências de vida, suas lutas e seus anseios.

Agradeço aos amigos que me apoiaram. Aos que auxiliaram na coleta de material bibliográficos, de mídia e muitas vezes até com debates para enriquecimento do discurso.

Agradeço à Lucélia Nascimento, a irmã que Deus me permitiu escolher e que ao longo da graduação me deu força e ânimo, levantando minha autoestima.

Ao meu amigo e conselheiro, Gustavo Ferreira, durante a realização deste trabalho. Muito obrigado por todas as dicas e sugestões durante a elaboração do TCC. Certamente sem a sua ajuda eu teria muito mais dificuldades.

Agradeço a minha professora orientadora Marilza Sales Costa que teve paciência, me passando confiança e segurança na realização deste trabalho.

Agradeço aos colegas de turma, que foram maravilhosos e me proporcionaram um aprendizado tremendo e me ajudaram a crescer. Jamais os esquecerei.

Enfim, a todos vocês que de uma forma ou outra estiveram ao meu lado durante estes quase 5 anos de caminhada, muito obrigado."

“Querida, quando seus navios passarem, gordos de tanto ferro, boi e madeira, tua chance já terá passado! Terás somente o tempo para bater uma ultima selfie diante de duas rabetas correndo à nascente do Tocantins em chamas!”

Trecho da Carta à Mariana – Fórum Bem Viver

RESUMO

O Brasil é um país potencialmente rico em recursos hídrico e reconhecido desde século XIX como detentor de grande volume de água no mundo. A primeira instalação de uma Usina hidrelétrica no país se deu no final do século XIX. Hoje 90% da energia elétrica produzida no Brasil vêm das hidrelétricas. Pensando nessa realidade o objetivo deste trabalho foi estudar o impacto da Usina Hidrelétrica de Tucuruí na Vila Santa Terezinha do Tauiry: aspectos sociais e econômicos. Foi analisado o contexto histórico da Hidrelétrica de Tucuruí, sua barragem e construções; identificação dos impactos socioeconômicos geradores das mudanças ambientais, em particular para Vila de Santa Terezinha do Tauiry. O percurso metodológico perpassou por uma revisão da literatura pertinente. Foi utilizada abordagem qualitativa com entrevistas aos residentes da vila. O trabalho foi dividido em três capítulos: no 1º capítulo foi construído um horizonte bibliográfico sobre a construção da UHT e a futura implantação da Hidrovia Araguaia Tocantins e derrocamento do pedral do Lourenço. No 2º capítulo foi apresentado os problemas socioeconômicos gerados pela construção da UHT e o 3º capítulo apresentou o resultado das entrevistas com os moradores da vila. É evidente que a Hidrelétrica de Tucuruí, mesmo após 43 anos de existencia, ainda gera grandes transtornos à população que fica em seu entorno e ao longo de sua jusante e montante. Mesmo depois de tanto tempo ela ainda mostra sequelas de sua construção, tais como: problemas socioeconômicos ocasionados pela falta de políticas públicas voltadas para habitação, saneamento básico, saúde, educação, melhoria do bem estar social. Foi possível observar que a principal fonte de renda dos pescadores - no caso a pesca - vai ser afetada pelo derrocamento do Pedral do Lourenço e a futura implantação da hidrovia, etapas estas que reconfiguram todos os espaços das pessoas que vivem nos entornos dos Grande Projetos. Esses tipos de empreendimentos na Amazônica são geradores de conflitos e de modificações espaciais, se os mesmos prosseguirem com estes tipos de atividade o futuro das próximas gerações estará correndo grande risco. Fica notável que os movimentos sociais, pescadores, ribeirinhos, indígenas, quilombolas devem se unir e se fortalecer para ir de encontro e ter representatividade e voz para lutar pelo que é seu de direito e de contra ao que é proposto pelo grande capital. Há grandes maneiras sustentáveis de explorar os recursos naturais existentes em nossa região.

Palavras-chaves: Pescadores, Derrocamento e Hidrovia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Localização de Itupiranga na mesorregião de Tucuruí.	14
Figura 2. Rio Tocantins - fluxo normal (antes da barragem)	16
Figura 3. Canteiro de Obras da Hidrelétrica de Tucuruí 1976.	17
Figura 4. Vila de Moradores de Tucuruí (1978).....	18
Figura 5. Vila de Moradores de Tucuruí (1980).....	19
Figura 6. Início do enchimento do reservatório em setembro de 1984.	20
Figura 7. Localização da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.....	20
Figura 8. Pedra do Lourenção.....	26
Figura 9. Derrocamento - Rio Araguaia-Tocantins	27
Figura 10. Pedral do Lorencão.....	28
Figura 11. Margens da Usina e a ausência de energia.....	31
Figura 12. Vila Santa Teresinha do Tauiry.....	33
Figura 13. Moradores apreensivos com a situação.	34
Figura 14. Atividade profissional dos moradores da Vila Tauiry.	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Cronologia da UHE Tucuruí.....	211
Tabela 2. Custo dos diferentes tipos de transportes.....	255
Tabela 3. Comparação de grau de analfabetismo 2014/2017 da Vila Tauiry.....	40

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I: USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ	13
1.2 A implantação da Usina Hidrelétrica de Tucuruí	15
CAPITULO 2: IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E AMBIENTAIS DA USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ	24
2.1 A Hidrovia do Araguaia-Tocantins	24
2.2 Derrocamento do Pedral do Lourenço	25
2.3 Relatos dos entrevistados	27
2.4 Aspectos socioambientais	29
CAPITULO 3: EXPERIÊNCIA E RELATOS DOS MORADORES DA VILA TAUIRY	32
3.1 A identificação do “locus” da pesquisa	32
3.2 Relatos dos entrevistados	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICES	47
FICHA SÓCIO-DEMOGRÁFICA	47
HISTÓRIA DA CONDIÇÃO INFRAESTRUTURA DA VILA TAURI	48
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país potencialmente rico em recursos hídrico e reconhecido desde século XIX como detentor de grande volume de água no mundo. Essa magnitude em proporção de volume de água chamou atenção, tanto dos investidores interno como das empresas estrangeiras. A primeira instalação de uma Usina hidrelétrica no país se deu no final do século XIX, contudo, a intensificação de construções de barragens para obtenção de energia elétrica iniciou após a segunda Guerra Mundial. Hoje 90% da energia elétrica produzida no Brasil vêm das hidrelétricas.

Nesse sentido, grandes projetos têm sido elaborados pelo governo com um discurso de utilizar os recursos hídricos de forma a beneficiar a maior quantidade de pessoas possíveis. Contudo, existem desvantagens no que se refere à implantação dessas hidrelétricas, com as construções das barragens que podem destruir imensas áreas de reservas florestais, ricas em flora e fauna comprometendo o ecossistema da região afetada, além das comunidades tradicionais. Por outro lado, se for garantido à preservação das nascentes dos rios isso não ocorreria, assim como as hidrelétricas não possuem geração de poluentes, dessa forma, não contaminam a atmosfera (PENA, s/d p.01).

Na região Amazônica, historicamente, muitos povos tradicionais foram expulsos de suas terras, devido a essas questões. Uma delas a hidrelétrica de Tucuruí, nosso objeto de pesquisa, precisamente na região de Tucuruí e na Vila Santa Terezinha do Tauiry, lugar de uma comunidade pesqueira.

Pensando nessa realidade nosso objetivo no trabalho é estudar o impacto da Usina Hidrelétrica de Tucuruí na Vila Santa Terezinha do Tauiry: aspectos sociais e econômicos. Para tanto, nos objetivos específicos vamos analisar o contexto histórico da Hidrelétrica de Tucuruí, sua barragem e construções; identificar os impactos socioeconômicos geradores das mudanças ambientais e compreender as vantagens e desvantagens trazidas pela implantação da hidrelétrica de Tucuruí, particularmente a Vila de Santa Terezinha que modificou o ambiente e a relação social dessa comunidade tradicional.

Porém, convém justificarmos essa escolha que surgiu de nossos contatos com essa comunidade observando a mudança ocorrida na forma de aquisição de alimentos, principalmente na pesca; a escassez de peixes e da caça. Curiosamente associada à abertura da barragem dificultando a vida cotidiana da Vila. Percebemos que pouco ou nada dessa discussão é levada aos órgãos responsáveis pelo projeto que de certa forma fazem vista “grossa” para esse problema.

Nesse sentido, levantamos algumas questões: Como o órgão competente vê esse problema na região? Se é que consegue perceber essas mudanças; quais os agentes sociais envolvidos nesse processo? Que ações estão sendo realizados para minimizar a problemática?

Nesse sentido, elaboramos algumas hipóteses para iniciarmos o estudo sobre a temática: a) A vila de Santa Terezinha tem sofrido grande impacto ambiental, social e econômico, resultado da construção da hidrelétrica de Tucuruí; Um desses problemas reflete no trabalho, pois a comunidade é de pescadores; as medidas tomadas pelos órgãos competentes quase sempre são paliativas e não resolvem o problema comprometendo a comunidade como toda, inclusive na questão de saúde.

Nosso percurso metodológico perpassou por uma revisão da literatura pertinente, já que alguns pesquisadores já trabalharam essa temática, também visitamos alguns sites oficiais e estivemos periodicamente visitando a vila em contato com os moradores. Trabalhamos com uma abordagem qualitativa com entrevistas aos residentes da vila e dados estatísticos da Eletronorte (2016).

Diante dessa realidade o trabalho foi dividido em três capítulos descritos a seguir: no primeiro capítulo, foi construído um horizonte bibliográfico sobre a construção da UHT e a futura construção da Hidrovia Araguaia Tocantins bem como o derrocamento do pedral do Lourenço. No segundo capítulo foi apresentado os problemas socioeconômico gerado pela construção da UHT, e o terceiro capítulo apresentou o resultado das entrevistas com os moradores da vila, bem como a discussão e análise dos problemas apresentados pelos pescadores, uma explanação nos dias atuais, uma linha do tempo sobre esses impactos. Esse trabalho se sustenta em uma revisão bibliográfica a partir de autores que discutem o efeito socioeconômico do empreendimento da UHT, além da pesquisa de campo com observação e aplicação de entrevistas com os pescadores da Vila Tauriry.

CAPITULO I: USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ

O trabalho tem como objetivo estudar o impacto da Usina Hidrelétrica de Tucuruí na Vila Santa Terezinha do Tauiry: aspectos sociais e econômicos. O surgimento dos transtornos advindos da construção das barragens atingiram comunidades tradicionais de pescadores como a Vila Santa Terezinha do Tauiry, município de Itupiranga, sudeste do Pará.

Contudo, para entender historicamente o processo de construção dessa Usina precisamos contextualizar a cidade de Tucuruí e analisar o período de sua implantação na região. Período militar no país marcado por profundas mudanças políticas e socioeconômicas. E grandes Planos de Integração regional (PIN) e os Planos Nacionais de Desenvolvimento, os chamados PNDs, final da década de 1960 e início da década de 1970.

A UHT foi um dos projetos pensados e desenvolvidos para a Amazônia objetivando fornecer energia para as indústrias e empresas, nacionais e estrangeiras com recursos públicos e isenção de impostos para se instalarem no Estado com a justificativa de desenvolver a região. Esta distribuiria energia para o Projeto Grande Carajás e Albrás Alunorte e outros Estados. Esses projetos se intensificaram na década de 1990 com construção de barragens associada à privatização do setor elétrico.

Contudo, houve discussões contrárias ao decurso de desenvolvimento mostrando os impactos negativos que esses grandes empreendimentos possuíam, tanto por atores sociais, quanto por ambientalistas preocupados com as reservas naturais na região. Contudo, existiam os que fortaleciam a discussão sobre a necessidade de manter esses projetos em prol do fortalecimento dos setores da economia e para alcançar o “progresso” social (VAINER, 1992; MENDONÇA, 2004).

O chamado progresso energético se torna cada vez mais indispensável para a sociedade pós-moderna, pois se exige cada vez mais a produção e o consumo de energia. Porém, estudiosos sobre o assunto, VAINER (1992) e MENDONÇA (2004), além de alguns movimentos sociais como os Atingidos por Barragens (MAB) destacam a destruição da fauna, da flora, das espécies encontradas na terra e na água. Destacam ainda a inundação de terras férteis, a alteração no clima e a expulsão de comunidades tradicionais de seus ambientes de origem.

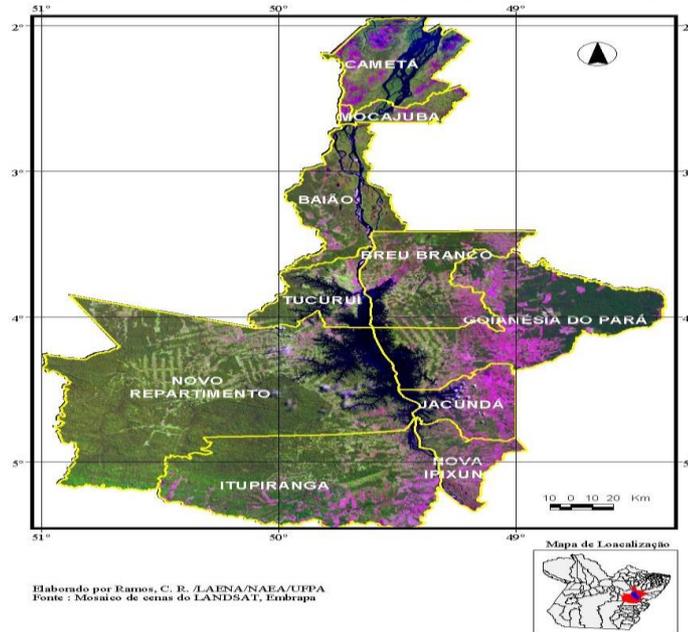
Outro agravante, diz respeito à indenização dessas famílias, muitas irrisórias não possibilitando a compra de outro imóvel em condições de habitação. Segundo MENDONÇA (2004) comenta que muitos se beneficiam com essa prática, tanto na transação de indenização como na implantação do projeto. Pois, quase sempre as discussões sobre a implantação, a permanência desses projetos na região não são discutidas com moradores locais

(VENÂNCIO, CHELOTTI, 2016). Assim como as indenizações, quando ocorrem, não são suficientes para as necessidades da comunidade local (BENINCÁ, 2011; MENDONÇA, 2004).

Diante do breve estudo sentimos a necessidade, no tópico 1.1, de aprofundarmos o entendimento sobre a implantação da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, assim, uma forma de ampliarmos nosso conhecimento sobre a problemática.

Breve histórico da Vila Tucuruí-Pa

Figura 1. Localização de Itupiranga na mesorregião de Tucuruí.



Fonte: Mosaico de Cenas do LANDSAT, EMBRAPA/UFPA.

O município de Itupiranga está localizado na mesorregião do Sudeste Paraense e à microrregião Tucuruí. Seus limites figuram ao Norte com o Município de Novo Repartimento, a Leste como município de Nova Ipixuna, ao Sul com o Município de Marabá e a Oeste com o Município de Novo Repartimento (Figura 1).

A vila Tauiry está localizada às margens do Rio Tocantins, a 20 km da sede do município de Itupiranga, um lugar calmo e tranquilo, lugar de gente simples e hospitaleira. Segundo relatos de moradores antigos, a vila surgiu a partir de uma fazenda na beira do rio, propriedade de um viajante que “veio lá de baixo” – expressão utilizada pelos moradores para se referirem às pessoas que vieram de Cametá, Baião e Belém.

Nesta fazenda funcionava uma espécie de porto improvisado onde viajantes das águas do rio Tocantins aportavam para descansar. Muitos iam ficando e segundo histórias eram acolhidos. Aos poucos foram sendo levantadas pequenas casinhas de taipa no entorno a assim surgindo à pequena vila. As atividades desenvolvidas na época eram extração da castanha, frutos da mata e de diamantes oriundos dos Pedrais, além da pequena agricultura em tempos de cheia do rio. Conta-se que eram tempos bons.

Os moradores vivam entre dois ciclos produtivos: no verão (época em que o rio secava e deixava à mostra os pedrais do Lourenção) dedicavam-se à extração do diamante, no inverno (época em que o rio enchia e não era possível garimpar) dedicavam-se a extrair a Castanha-do-Brasil e a “roça”. A pesca na época era pouco praticada, a não ser para subsistência, não era tida ainda como uma fonte de renda.

No auge do garimpo a Vila se viu em tempos de grande fervor populacional e econômico. Moradores antigos contam que comerciantes vinham da cidade de Marabá e região em busca mercado consumidor. Relataram ainda que havia muito mais moradores que antes do garimpo em comparação aos dias atuais.

Com o decorrer do tempo a vila já tinha uma quantidade considerável de moradores, pessoas que vinham atrás do garimpo, além de pessoas da própria região. Entretanto o ciclo do garimpo acabou o da castanha também e os habitantes da pequena vila tiveram que encontrar outra fonte de renda, a partir daí a pesca passou a ganhar força como atividade produtiva.

É importante frisar que esta pesquisa buscou mostrar como os moradores da vila se sentem em relação aos impactos deixados pela construção da UHT, mesmo após 43 anos, como observam a situação da vila, sua falta de estrutura e ainda a preocupação com a perda da tranquilidade e do modo de vida por conta do novo empreendimento do governo federal: a derrocada do pedral do Lourenção, uma vez que a firma vencedora da licitação irá se instalar nas áreas pertencentes à vila.

1.2 A implantação da Usina Hidrelétrica de Tucuruí

Estudos iniciais de implantação da Usina surgiram no ano de 1964 realizados pela empresa Bureau of Reclamation, ligado a Agency For International Development - United States Department of State. Estes partindo de análises do potencial hídrico energético da bacia do rio Tocantins e seu afluente principal, o rio Araguaia (CASTRO, 2011).

Figura 2. Rio Tocantins - fluxo normal (antes da barragem)

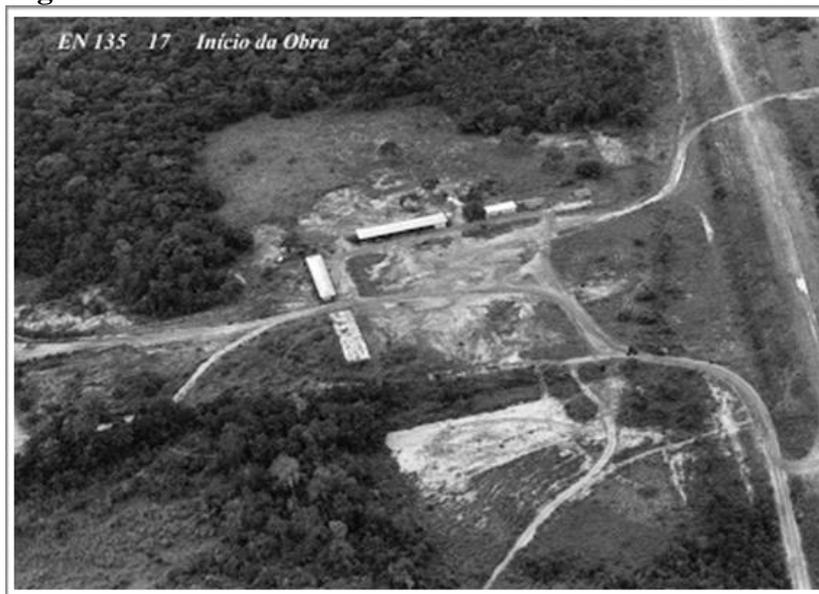


Fonte: Acervo pessoal Hungles (década de 1970).

Os primeiros estudos sistemáticos que mostraram o potencial hidrelétrico do rio Tocantins foram realizados entre 1968 e 1972 pelo Comitê Coordenador dos Estudos Energéticos da Amazônia - ENERAM visando atender os pólos de Belém e Macapá (Figura 2). Em sequência, a ELETROBRÁS (1972) levantou o Inventário Hidrelétrico da Bacia do Rio Tocantins, através de uma análise desde a nascente até sua confluência com o rio Araguaia.

Os resultados das quedas de água demonstraram que o Rio Tocantins poderia ser aproveitado para a implantação da primeira adição da Usina de Tucuruí. A criação das Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A - Eletronorte se deu em 20/06/1973 ficando na coordenação dos trabalhos da Usina que antes estava sob a administração da Eletrobrás. A ELETRONORTE contratou o consórcio ENGEVIX-THEMAG para realizar o desenvolvimento do Projeto Básico da UHE Tucuruí que teve início em 1975. A construção da Usina Hidrelétrica Tucuruí é a maior obra de engenharia já realizada na Amazônia, Em 25 de Julho de 1975, com a implantação da Vila Pioneira (Figura 3), iniciou-se a construção da Usina a cargo da empresa Construções e Comércio Camargo Corrêa S/A.

Figura 3. Canteiro de Obras da Hidrelétrica de Tucuruí 1976.



Fonte: Acervo pessoal Hungles (década de 1976)

Essa obra foi um marco da engenharia mundial de barragens, pela sua magnitude, execução e operação. Dominar o Rio Tocantins foi uma tarefa de gigantes. Levar máquinas, equipamentos e trabalhadores, dos mais distantes lugares do Brasil e do mundo, exigiu uma complexa logística, com a construção de estradas, aeroporto e vilas residenciais.

Dessa forma, a estrutura urbana de Tucuruí se tornou incapaz de acolher os surtos populacionais. As acentuadas transformações no espaço urbano de Tucuruí, com a chegada desses fluxos migratórios para suprir a necessidade da mão-de-obra necessária para a construção do projeto energético, ocasionaram mudanças significantes no meio ambiente urbano, segundos dados da Eletronorte durante as três etapas de construção da UHT passaram pelo canteiro de obras entorno de 50 mil pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo (ELETRONORTE, 1988).

Em 1973, foi construída a primeira base de sustentação para a construção da Hidrelétrica, a Vila Pioneira, visto que a estrutura urbana de Tucuruí não possuía equipamentos urbanos necessários para acolher a população recrutada para executar o projeto.

Segundo a ELETRONORTE (1988) a construção da Vila visava atender à fase inicial da obra. Em 1977 a empresa construiu para seus operários efetivos, administradores e chefia a Vila Permanente. Posteriormente, construiu bairros satélites (Vila Temporária I e Vila Temporária II) para abrigar seus funcionários temporários.

Em 1973, foi construída a primeira base de sustentação para a construção da Hidrelétrica, a Vila Pioneira, visto que a estrutura urbana de Tucuruí não possuía equipamentos urbanos necessários para acolher a população recrutada para executar o projeto. Segundo a ELE-

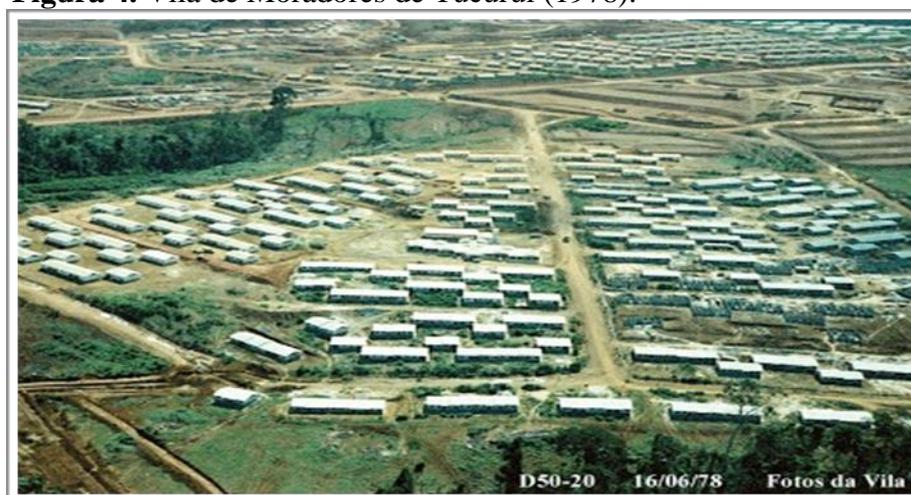
TRONORTE (1988) a construção da Vila visava atender à fase inicial da obra. Em 1977 a Empresa construiu para seus operários efetivos, administradores e chefia, a Vila Permanente. Posteriormente, construiu bairros satélites (Vila Temporária I e Vila Temporária II) para abrigar seus funcionários temporários (Figura 4).

Nota-se, que esses espaços que foram construídos pela Eletronorte distinguiam-se pela força de trabalho de acordo com o cargo ocupado e período que estava desempenhando função no processo de implantação da Barragem. É importante ressaltar que a inserção espacial da mão-de-obra em Tucuruí foi altamente seletiva e diferenciada dentro do processo de ocupação territorial e induziu a reprodução de núcleos urbanos periféricos ao redor da cidade e provocou uma pressão sobre os recursos, assim:

Esse projeto urbanístico e a segmentação da força de trabalho, teriam consequências tanto para o espaço urbano planejado como para a cidade de Tucuruí, principalmente porque o volume de população recrutada e mobilizada para a obra fora superior ao previsto, ocorrendo um processo de inchaço populacional” (ROCHA & GOMES, 2002).

Dessa forma, evidenciamos a Vila de Moradores de Tucuruí (Figura 4 abaixo)

Figura 4. Vila de Moradores de Tucuruí (1978).



Fonte: Acervo pessoal Hungles (ano 1978).

A Vila Pioneira (Figura 4) foi implantada no dia 25/07/1975 e deu prosseguimento ao projeto com a construção da Usina a cargo da empresa Construções e Comércio Camargo Corrêa S/A. Durante a execução das obras da etapa inicial, e paralelamente aos estudos energéticos, o consórcio ENGEVIX-THEMAG deu início aos estudos de engenharia civil e eletromecânica, visando à definição das estruturas e dos equipamentos da expansão dos trabalhos (SANTOS 2014).

Figura 5. Vila de Moradores de Tucuruí (1980).



Fonte: Acervo pessoal Hungles (década de 1980).

Para abrigar os operários e suas famílias, foram criadas, pela Eletronorte no final década 70 para 80, as vilas residenciais Pioneira, Temporária I e Temporária II. As Vilas Temporárias I e II eram construídas em madeira e incluíam, além das residências, um centro comercial com um cinema, uma Escola Infantil, um hospital e um clube social (Figura 5).

Construída anos mais tarde, em alvenaria, a Vila Permanente dispunha também de um aeroporto, um porto fluvial e um grande hospital para atendimento da população local, além dos funcionários da construção. Essas vilas eram condomínios fechados no meio da selva amazônica, com água e esgoto tratados, ruas pavimentadas, supermercados, e escolas desde creche até o nível técnico. A partir de 1984, finalizada a primeira etapa da construção da hidrelétrica as vilas temporárias foram gradualmente desativadas, ao mesmo tempo em que se desenvolvia a infraestrutura urbana da cidade de Tucuruí (SANTOS 2014).

Depois da construção das vilas onde residiam os funcionários, e da realização dos estudos necessários para implantação da barragem, a UHT foi Inaugurada em novembro de 1984, iniciou suas atividades com uma potência de 4.000 megawatts (MW) e capacidade estimada para produzir 7.960 MW. Segundo CASTRO (1989) a usina recebeu investimentos de 8 bilhões de dólares, porém a disponibilidade da energia dispensada pela Usina serviu para os projetos Ferro Carajás, ALBRAS, ALUNORTE, Camargo Corrêa metais e as usinas guseiras que estavam localizadas próximas de cidades por onde passava a ferrovia Carajás-Itaqui (Marabá- PA) e Açailândia (MA). Tudo integrando o chamado Programa Grande Carajás em que duas empresas: a ALBRAS e ALUMAR os clientes preferenciais do projeto.

Figura 6. Início do enchimento do reservatório em setembro de 1984.



Fonte: desconhecida (2017)

O volume de água dispensado na formação do lago (Figura 6) inundou uma área de 2.875km², com 45.8 bilhões de m³ de água, a hidrelétrica atingiu 13 vilas e povoados rurais do baixo Tocantins: Repartimento, Breu Branco, Remansão do Centro, Remansão da Beira, Areião, Jatobal, Chiqueirão, Coari, Canoal, Vila Braba, Ipixuna, Sta Tereza do Tauri. Inundou nove reversas indígenas pertencentes a cinco diferentes tribos: Assurinís, Gavião, Suruí, Parakanã e Xincrim (CASTRO, 1989). Além disso, ficaram submersos 250 km de rodovia sendo 150 km da rodovia Transamazônica, e a cobertura vegetal não retirada na quase totalidade do reservatório. As estimativas de população atingida variam de 25.000 a 55.000 pessoas (SANTOS; NACKE, 1988; CASTRO, 1989; CPT, 1989; ELETRONORTE, 1989).

Figura 7. Localização da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.



Fonte: Sales et al., (2014)

A localização da Usina Hidrelétrica de Tucuruí fica situada no Rio Tocantins, precisamente na região do sudeste do estado do Pará a aproximadamente 350 km da cidade de

Belém, capital do Pará (Figura 7). Esta Usina é considerada a quarta maior do mundo com uma importância em termos energéticos e econômicos para as indústrias que dela precisam (ELETRONORTE 1989; PINTO, 2012).

Nesse contexto, a Tabela 1 (abaixo) faz um percurso cronológico da implantação da UHE em Tucuruí de 1960-1970 (1ª fase) a 2010 com a inauguração das Eclusas.

Tabela 1. Cronologia da UHE Tucuruí.

1969-1974	Início dos estudos para identificar o potencial energético da bacia hidrográfica da Amazônia. Anos 1970:1973 - Criação da Eletronorte (20 de junho); - Decreto autorizando a construção.
1975	Início das obras e início do desvio do Rio Tocantins.
1977	Início oficial das obras civis.
1978	Início da interligação dos sistemas N/NE; Assinatura de Convênio com a Funai; Início da concretagem do vertedouro.
1979	Elaborado o Plano de Controle Ambiental.
1980	Primeiros contratos de fornecimento de energia.
1981	Chegada dos primeiros equipamentos importados. Chegada de energia da Chest ao canteiro de obras.
1982	O canteiro de obras mobiliza 30.200 pessoas.
1983	Chegada das primeiras rodas de turbinas.
1984	Início do enchimento do reservatório; Entrada em operação da 1ª turbina; Inauguração oficial com a operação da 2ª turbina.
1985	Entrada em operação da 3ª, 4ª e 5ª turbinas. Operação Curupira resgata 282 mil animais.
1986	Entrada em operação da 6ª turbina; Abastecimento do Sul do Pará.
1987	Entrada em operação da 7ª e 8ª turbinas. Desativação do parque térmico de Belém.
1988	Duplicação da Linha de Transmissão entre a UHE e Presidente Dutra (MA)
1989	Entrada em operação da 9ª e 10ª turbina
1991	Entrada em operação da 11ª turbina.
1992	Conclusão da 1ª etapa da Usina com operação da 12ª turbina.
1993	Entrada em operação da Linha de Transmissão Imperatriz (MA)/Porto Franco (MA).
1994	Início do abastecimento do nordeste do Pará.
1996	Início das obras do Tramoeste.
1997	Início da construção do Linhão Norte-Sul.
1998	Início das obras civis da segunda etapa
2002	Entrada em operação da 13ª unidade.

2003	Entrada em operação da 14ª e 15ª turbinas.
2004	Entrada em operação da 16ª e 17ª turbinas.
2005	Entrada em operação das 18ª, 19ª e 20ª turbinas.
2006	Entrada em operação das 21ª, 22ª e 23ª turbinas.

2010	Inauguração das Eclusas
-------------	-------------------------

Fonte: CASTRO 2011 adaptado por Cunha 2017.

As obras da ensacadeira de 1ª fase começaram em novembro de 1975 (Tabela 1), tendo sido desviado o rio em outubro de 1976. As obras principais começaram em janeiro de 1977 e o início do enchimento do reservatório em setembro de 1984. A usina começou a produzir energia em novembro de 1984, ocasião em que entrou em operação a 1ª turbina (ELETRONORTE, 1989). Logo depois foi inaugurada oficialmente a UHT com o funcionamento da segunda turbina. Posteriormente no ano de 1985 foram ativadas a 3ª, 4ª e 5ª turbina. Com o ativação das 6ª turbina a capacidade de abastecimento aumentou, abrangendo todo o sul do estado do Pará (ELETRONORTE, 1989).

Dando prosseguimento às etapas de operação da usina, em 1987, a UHT passou por um momento de grande relevância, pois ocorreu o processo de duplicação das linhas de transmissão de Tucuruí à Presidente Dutra no Estado do Maranhão. Após essa duplicação no final da década de 80 entraram em operação a 9ª, 10ª, 11ª e 12ª turbinas que corresponde ao final da primeira fase.

A partir da década de 90 iniciou-se o processo de construção da segunda fase. Um marco importante deste período foi a operação da linha de transmissão de Imperatriz à Porto Franco no Maranhão e Nordeste Paraense. Logo depois começou o início da construção do Linhão Norte-Sul. Nos anos 2000 entraram em operação as turbinas 13ª à 23ª, assim finalizando a segunda fase. Consequentemente em 2010 foram inauguradas as Eclusas de Tucuruí, finalizando a terceira fase. (ELETRONORTE, 1989).

O objetivo da Construção dessas eclusas é dar suporte à Hidrovia Araguaia Tocantins. A Hidrovia é um projeto do governo Federal juntamente com comerciantes e empresários da região Centro-Norte do Brasil para facilitar o escoamento da produção de grãos, minérios e cargas vivas para o exterior.

Porém esse projeto encontra alguns problemas relacionados à trafegabilidade do Rio Tocantins, pois o mesmo não é navegável durante todo o ano. Para facilitar a navegabilidade do Rio Tocantins principalmente entre Marabá e Barcarena, é necessária a retirada de pedrais que ficam amostra no período de estiagem amazônica, trecho este que corresponde a

43 km de pedral que fica localizado entre a Vila Santa Teresinha do Tauriry e a Ilha do Bogéa no Sudeste Paraense (ELETRONORTE, 1989).

CAPITULO 2: IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E AMBIENTAIS DA USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ

2.1 A Hidrovia do Araguaia-Tocantins

A Hidrovia do Araguaia -Tocantins possui uma extensão total é de 2.250 quilômetros navegável em três momentos: o Rio das Mortes (afluente da margem esquerda do rio Araguaia), o Rio Araguaia e no Rio Tocantins (ANTAQ, 2013). Porém, o desejado pelo governo federal foi o de alcançar aproximadamente 3.000 quilômetros em poucos anos passando pelas regiões centro-oeste e norte, ligando o Brasil central aos portos de Belém (PA) e vila do Conde (PA), bem como aos de Itaquí (MA) e Ponta de Madeira (MA) através da Estrada de Ferro Carajás (EFC). Assim, “(...) a proposta da construção da hidrovia propõe estabelecer uma canal de ligação entre o Norte e o Sul do país de forma hidroviária, visando o desenvolvimento econômico da região” (RODRIGUES, 2005, p. 80). Tal empreendimento buscou fazer.

“(...) parte do projeto de consolidação do corredor de Transporte Multimodal Centro-Norte, cujo objetivo é consolidar um eixo de transporte hidro-rodoviário que ligue as regiões de Mato Grosso aos portos do Maranhão e Pará, através do Tocantins” (PERES, 2007, p.69).

Nesse discurso está imbricado a questão do desenvolvimentista propagado ainda no período militar, ou seja, o de integrar a Amazônia ao Brasil através da abertura de fronteiras com criação de rodovias e dando passagem para o “progresso” de cima para baixo. O que trouxe impactos ambientais e alargou os problemas sociais existentes nessa região. Nesse caso, podemos pensar no Estado absolutista de Hobbes, onde ele impõe seu poder aos indivíduos como forma de garantir o bem comum a todos e o bem comum, nessa lógica, hoje, seria o “progresso” (RODRIGUES, 2005), pois:

[...] na visão dos empreendedores da região, a hidrovia é uma das opções de transportes mais desejadas no que tange os custos de transporte da produção e na geração de empregos e renda na economia local, com investimentos paralelos ao atendimento do funcionamento da hidrovia. Empreendedores não só locais, mas da região centro-oeste que terão possibilidade de escoar seus produtos a um custo baixo, pois com a hidrovia, o custo de transportes será muito mais barato que o rodoviário. Ainda em seu discurso oficial, segundo a presidente Dilma o transporte sairá 50% mais barato. (RODRIGUES, 2005, p.80)

Segundo estudos realizados pela Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ), o custo de transporte aquaviário é bem mais viável em comparação aos modais rodoviários e ferroviários em aos custos e benefícios (Tabela 2), pois o Brasil desfruta de uma rica bacia hidrográfica com grande potencial de navegabilidade para transporte de cargas já que o modal via hidroviário é mais rápido e favorece um ganho de tempo em contraste com os ro-

doviários e ferroviários em termos de infraestrutura e logística, um dos maiores gargalos do Brasil em quando se analisa questões escamento de produção.

Tabela 2. Custo dos diferentes tipos de transportes.

Modal	Custo (R\$/tkm*)
Hidroviário	0,025
Ferrovário	0,064
Rodoviário	0,084

*tonelada por km transportado.

Fonte: AHITAR – Administração da Hidrovia Araguaia-Tocantins apud Rodrigues (2005).

Nessa perspectiva a hidrovia foi pensada como o meio de transporte mais viável para escoamento de produtos, assim “(...) segundo dados da Confederação Nacional de Transportes, 2008, o transporte rodoviário detém a maior participação na matriz do transporte de cargas no Brasil, com 61,1% o que corresponde a 485,6 bilhões de TKU¹” (COSTA & BATISTA*, s/d, p. 2).

Porém, alguns critérios deveriam se pensados para que isso funcionasse e esses foram expostos em três etapas: dragagem para aumentar a profundidade; derrocamento para aumentar a profundidade e a largura do canal navegável e a sinalização e balizamento para orientar os navegantes sobre a posição do eixo de navegação na hidrovia, com o balizamento feito pela colocação de boias com reflexivo luminoso (RODRIGUES, 2005).

2.2 Derrocamento do Pedral do Lourenço

O Pedral do Lourenço fica localizado no município de Itupiranga, mais precisamente na vila de pescadores Tauri. Conhecido pelos moradores como “Pedral do Lourenço” é assim chamado, segundo histórias, por ser esse o nome do primeiro habitante (Lourenço), que conseguiu passar por entre aquelas pedras e para outras como sendo a primeira vítima do Pedral, não se sabe ao certo a verdadeira versão dos fatos, o que se sabe é que as pedras do “Lourenço” já fizeram muitas vítimas. O Lourenço tem uma pedra símbolo (Figura 8), que faz jus ao nome em grau aumentativo. Sob esta pedra os pescadores contam histórias e vivem histó-

¹ TKU: Toneladas por quilometro útil

* Graduandos em Relações Internacionais – Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

ria. Seu passado e presente passam pelos pedaços rochosos da grande pedra e seus redemoinhos feitos pela água que lhe cerca.

Vale ressaltar que em épocas de cheia o pedral fica invisível aparecendo no período de seca, isso traz muitos transtornos para as grandes embarcações, por isso deverá ocorrer o derrocamento do pedral para que essas embarcações possam transitar pelo rio o ano todo escoando minérios e produtos agropecuários. (DNIT 2016).

Figura 8. Pedra do Lourenção



Fonte: Autor (2017)

Segundo Rodrigues (2005) e como acima citado repita-se que o derrocamento servirá para aumentar a profundidade e a largura do canal navegável nos locais onde essas se apresentam insuficientes ou restritivas para permitir a passagem dos comboios.

É importante frisar que uma obra deste porte pode causar sérios danos ao rio, tanto no leito quanto nas margens e à dinâmica fluvial como um todo, além é claro de danos à biodiversidade causando inclusive a perda de algumas espécies de peixes. O que poderá modificar a economia local que é principalmente do pescado e o estilo de vida da população. Os impactos estão assim listados:

- Sérios danos à dinâmica natural do rio.
- Perda de biodiversidade, como já citado.
- Poluição da água: industriais, urbanos, combustíveis oriundos das embarcações.
- Erosão e assoreamento do rio.
- Abalo nas estruturas físicas das residências locais.
- Poluição do ar
- Poluição sonora
- Mudança no modo de vida.

- Perda de bem estar social.
- Aumento da migração populacional.
- Perda da identidade cultural e social.
- Introdução de novas doenças na região.
- Desenvolvimento Induzido: rápido processo de desenvolvimento.

2.3 Relatos dos entrevistados

Em entrevistas a moradores, pescadores e ribeirinhos na cidade de Itupiranga, quanto na vila Tauri, constatamos que eles não têm muita informação do que é o projeto. A terceira entrevistada quando perguntamos o que ela sabia sobre o assunto, nos revelou que não tinha muitas informações concretas:

“É eu já ouvi essa historia ai que diz que vão rebenhar as pedras pra fazer um canal, só isso! [...] Que vão quebrar as pedras pra fazer canal né! La no rio ter, pra passar navio, essas coisas”. (Moradora, 2017)

No capítulo (2) realizamos uma análise dos impactos socioeconômicos da UHE na região, assim como a necessidade de se modernizar e construir rodovias para os escoamentos dos minérios e da agropecuária.

Figura 9. Derrocamento - Rio Araguaia-Tocantins



Fonte: DNIT (2017)

No caso da execução das obras de derrocamento do rio Araguaia-Tocantins (Figura 8) o trecho a ser pensado foi o da ilha Boga (km 350) e a localidade de Santa Terezinha

do Tauri (km 393) com extensão de 43 km cujo nome conhecido na região é de Pedral do Lourenção.

Figura 10. Pedral do Lourenção



Fonte: DNIT (2017)

Em se tratando do Pedral do Lourenção a dificuldade está no derrocamento por se tratar de um amontoado de pedras que precisariam ser retiradas para que o projeto se realize (Figura 9). A localização do Pedral do Lourenço fica no município de Itupiranga, precisamente na vila de pescadores Taury onde residem 180 famílias. Tem esse nome por causa do primeiro morador chamado Lourenço. Para alguns moradores um lugar de difícil acesso causando diversas vítimas.

A então presidenta Dilma Dilma Rousseff esteve na região em 20 de Março de 2013 numa visita a Marabá e anunciou o lançamento do edital para o início das obras de derrocamento com base no Regime Diferenciado de Contratações (RDC). Porém, para o Ministério dos Transportes, a conclusão das obras está prevista para 2018.

De acordo com Rodrigues (2005) o derrocamento servirá para aumentar a profundidade e a largura do canal navegável nos locais onde essas se apresentam insuficientes ou restritivas para permitir a passagem dos comboios. Contudo, isso pode causar danos ao rio, tanto no leito quanto nas margens, além dos danos à biodiversidade podendo modificar a economia local, principalmente a do pescado, assim como:

Sérios danos à dinâmica natural do rio; perda de biodiversidade, como já citado. poluição da água: industriais, urbanos, combustíveis oriundos das embarcações, Erosão e assoreamento do rio, abalo nas estruturas físicas das residências locais. poluição do ar, poluição sonora, mudança no modo de vida, perda de bem estar social, aumento da migração populacional, perda da identidade cultural e social, introdução de novas doenças na região, desenvolvimento Induzido: rápido processo de desenvolvimento (RODRIGUES, 2005, p. 77).

Dessa forma, falaremos no tópico 2.1 os possíveis impactos socioambientais que a Usina pode trazer para a região.

2.1 Aspectos socioambientais

A implantação de uma hidrelétrica geralmente transforma o meio ambiente e, em muitos casos provoca relevantes transformações socioambientais. Para tanto, alguns levantamentos dos impactos que possam surgir no decorrer das construções das barragens são realizados por algumas empresas que estimam a viabilidade do projeto de forma estatística (WHO, 1983), as vezes deixando de analisar questões sociais do local de instalação do projeto.

De acordo com SANTOS (2008, p.65) o processo exige uma adequação permanente das formas e das normas. No que se refere a instalação de objetos técnicos, ou seja, de formas geográficas, tem-se a obrigação da aplicação de normas jurídicas, financeiras e técnicas, moldadas às necessidades do mercado e que muitas vezes são alheias às realidades locais. Assim, essas novas formas de implantações de grandes projetos pode acelerar as relações predatórias entre o homem e o meio e trazendo mudanças à natureza, pois:

A busca de mais valia ao nível global faz com que a sede primeira do impulso produtivo (que é também destrutivo, para usar uma antiga expressão de J. Brunhes) seja apátrida, extraterritorial, indiferente às realidades locais e também às realidades ambientais. Certamente por isso a chamada crise ambiental se produz neste período histórico, onde o poder das forças desencadeadas num lugar ultrapassa a capacidade local de controlá-las, nas condições atuais de mundialidade e de suas repercussões nacionais (SANTOS, 2008, p.253).

No país a hidroeletricidade tem sido considerada uma fonte de energia relativamente limpa, segura barata e renovável. Entretanto, em muitos países em desenvolvimento, a geração de hidroeletricidade tem causado muitos efeitos ambientais que devem ser considerados (MELLO, 1999).

Porém, para Couto (1999) os conflitos existentes dessa relação são também permanentes como resultado da implantação desses empreendimentos que em algum momento trazem impactos extremos nas relações mantidas entre os interessados. Nesse caso, Eletronorte e a população local: comunidades tradicionais (pescadores, agricultores ribeirinhos, quilombolas, e índios) e que reivindicam indenizações por perdas de seu “pedaço de chão” ou se recusam a sair deles. Há ainda aqueles que ficam descontentes com as compensações recebidas. Assim, percebe-se que a desestruturação da vida social é clara quase sempre.

Segundo o autor, na fase de operação de um projeto hidrelétrico, são evidenciados problemas como o procedimento de formação dos lagos que provoca uma grande intensifica-

ção no processo de urbanização do local, assim ocasionando insuficiência na rede de serviços de saúde e de saneamento básico, pois a ocupação ocorre, na maioria das vezes, de forma desordenada nas periferias da cidade, dessa forma, propiciando a exclusão social da população excedente da obra e de novos fluxos migratórios, além de insatisfação quanto às indenizações ou pendências compensatórias.

O que se espera que a população que se aproxima, localmente, desses projetos está sujeita a essas condições sociais. O autor chama atenção para os resultados negativos desse processo que também influenciam populações menores e distantes.

Nesse contexto, as populações que mais sofrem com esse processo e são considerados os residentes, antes do início do projeto; trabalhadores diretamente ligados ao projeto; população atraída espontaneamente pelo projeto; população relocada; população que permanece no local ao final do projeto; população de ribeirinhos (FINKELMAN et al., 1984), estes quase sempre são os mais atingidos por todo processo de implantação da UHE.

No caso, da Amazônia sua riqueza mineral, sua fauna e flora são de uma importância inestimável para o ecossistema mundial, pois abarca rica biodiversidade; populações ribeirinhas, trabalhadores rurais, índios e ecossistemas são desestruturados por esses projetos, todos partícipes desse processo, sofrem com as mazelas sociais deixadas nesses lugares.

Vale ressaltar que a construção de Tucuruí propiciou uma migração desorganizada de trabalhadores de outras regiões. E muitos problemas foram gerados através da implementação dessa obra, porém, vários segmentos da sociedade se juntaram em prol dos direitos da população tradicionais, assim como da floresta desafiando, de certa forma as construções das barragens na região.

Movimentos sociais e população tradicional forma de compensar os danos e prejuízos obtidos nesse processo, por outro lado, também foi pedido a criação de uma reserva extrativista a ser coordenada pelo conjunto de atores envolvidos, ainda em conflitos para alcançar esses direitos. Até mesmo as indenizações ainda não foram totalmente pagas a quem é direito, o morador das áreas de implantação da UHE.

Nesse contexto, a luta ainda continua e os debates em prol das compensações financeiras que até o momento não ocorreu voltadas ao desenvolvimento, uma vez que, com a construção da UHT, sem eclusas de transposição e o barramento do rio Tocantins, a região do Baixo Tocantins sofreu uma série de impactos socioambientais negativos como:

Queda da qualidade da água, ameaça a ecossistemas da várzea do Tocantins (como açazais e peixes, tendo se alterado a sua quantidade, a sua diversidade e a sua qualidade) e a “perda da centralidade econômica regional do Baixo Tocantins e suas

idades históricas para o novo pólo econômico surgido com a usina, Tucuruí e seis cidades criadas ou recriadas pela obra no entorno do reservatório” (FERREIRA, 2008).

Figura 11. Margens da Usina e a ausência de energia.



Fonte: Talento (2013).

Depois da implantação da barragem de Tucuruí surgiram 1.100 ilhas na bacia do Tocantins, habitadas por 6.500 pessoas, que vivem basicamente do extrativismo animal e vegetal. São os contingentes que foram afetados pela formação do lago de Tucuruí, com três mil quilômetros quadrados (PINTO, 2012). Na região, apesar da hidrelétrica, várias comunidades não têm acesso à energia elétrica ou só passaram a dispor dela recentemente (Figura 10).

Segundo Sousa et al (2008) os entes federativos interagem com graus de formalidade eficazes no repasse de compensações financeiras pela produção de energia, no entanto os beneficiários finais dessa compensação não são incluídos nas políticas públicas que deveriam ser desenhadas. Dessa forma, a população ficou refém das ações do governo na espera de receber suas indenizações e viver dignamente. No próximo capítulo (3) identificamos o local da pesquisa e falamos das experiências e dos relatos que obtivemos o convívio com os moradores da Vila Tauiry.

CAPITULO 3: EXPERIÊNCIA E RELATOS DOS MORADORES DA VILA TAUIRY

3.1 A identificação do “locus” da pesquisa

O trabalho foi realizado entre junho e agosto de 2017, partindo da realidade vivenciada pelos pescadores da vila Santa Terezinha do Tauiry. A vila Santa Terezinha do Tauiry, mais conhecida como “Tauri”, localiza-se cerca de 20 km da cidade Itupiranga. a vila surgiu a partir de uma fazenda na beira do rio, propriedade de um viajante que “veio lá de baixo” – expressão utilizada pelos moradores para se referirem às pessoas que vieram de Cametá, Baião e Belém. Na fazenda funcionava uma espécie de porto improvisado onde viajantes das águas do rio Tocantins aportavam para descansar.

Na vila, 40% dos moradores são pescadores, 10% são aposentados, 15% são agricultores e 25% desenvolvem outras atividades, como professora e dona de casa (CUNHA et al (2016). Assim, economicamente falando é uma vila de pescadores e sua economia advém da pesca, da agricultura de subsistência e do turismo do verão amazonense.

A Usina Hidrelétrica de Tucuruí a qual foi construída no ano 1974, causou impactos consideráveis sobre esses atores, pois de acordo com a ELETRONORTE a construção da UHT alagaria a Vila de pescadores no que resultou na diminuição da área agricultável e no fluxo migratório dos peixes, principal fonte de renda dos pescadores, e dentre outros impactos como o remanejamento para outra Vila nas margens do município de Itupiranga-PA (Relato de uma entrevista do presidente da associação de moradores, jun/2017).

Diante da realidade exposta pelos moradores, à preocupação em discutir essas questões partiu da problemática existente nessa localidade, principalmente através dos impactos gerados pela obra da UHT os quais ainda perduram na vila, mesmo depois de 43 da construção da usina.

O maior problema que os pescadores ainda enfrentam é a falta de infraestrutura mínima, fruto de descaso do poder público, mas também de promessas não cumpridas pela empresa responsável pela construção da UHT. Os impactos provenientes dessa etapa do projeto modificaram por completo a vida e dinâmica dos moradores em aspectos sociais e econômicos, esses problemas ainda são observados e percebidos nos dias de hoje.

Nas visitas feitas, foi notada a insatisfação dos mesmos em relação ao projeto, pois afetou curso do rio, e isso impactou seus modos de vida e colocaram em risco a soberania alimentar dos moradores, outra questão apontada foi o remanejamento de algumas famílias e a falta da indenização por parte da empresa responsável pela obra.

A partir do trabalho de pesquisa realizado na vila Santa Teresinha do Tauiry foi possível perceber vários aspectos, sejam eles sociais ou econômicos. A vila foi uma das atingidas pela barragem de Tucuruí na década de 1970. Antes da construção da UHT, os moradores da vila Tauiry contam que o pescado era abundante. Antes disso a atividade era a do garimpo de diamantes, da extração da castanha e da agricultura de subsistência. Os grandes empreendimentos desenvolvimentistas causaram impactos tanto socioambientais quanto estruturais. Estudos de impactos mostraram que a vila iria ser atingida após a formação do lago de Tucuruí.

Figura 12. Vila Santa Teresinha do Tauiry



Fonte: Autor (2017)

Por conta disso os moradores iriam (como de fato foram) ser removidos para uma vila planejada na sede do município de Itupiranga. Segundo a fala de alguns moradores “Erros topográficos ocorreram em ambas às direções, com algumas áreas sendo inesperadamente inundadas e outras inesperadamente deixadas acima do nível da água.” No processo de implantação foram construídas duas vilas, uma para os moradores e outra para os moradores de Jacundá (Vila José Carmelino) também na sede do município e outra no distrito de Cajazeiras para abrigar os removidos de Ipixuna.

Nos acordos fechados entre a Eletronorte e moradores das cidades e vilas no percurso do rio que foram atingidos pela barragem foram citadas algumas exigências a serem cumpridas pela empresa, entre elas, a construção de vilas planejadas (casa de “alvenaria”, cobertura de telha) um ano de cesta básica, além da indenização pela propriedade. Entretanto moradores da época contam que o que de fato aconteceu foi muito diferente. Relataram que foram tiradas as pressas da vila e levados à cidade onde eram localizadas as casas. Chegando lá depararam-se com casas de madeira, cobertura de amianto, sem delimitações entre os terrenos e com áreas totalmente improdutivas

Aí eles entregaram a vila lá pra nós, mas essa vila não tinha onde se plantar nada, seco, torrado, só aquele destampadão aí no mundo. Hoje já tá boa ela, hoje... a vila hoje está boa,. Só aquele destampadão lá e nego ficou olhando aí disse; “rapaz quer saber de uma coisa, vamo embora pro nosso lugar”. (Idalina, entrevista de Moradora da Vila, 04/08/2017).

Contam que tiveram dificuldades na adaptação, pois era um modo de vida distinto daquele que tinham, passaram necessidades. Depois da formação do lago, foi observado que a vila não alagou e as pessoas foram aos poucos se juntando às que tinham ficado na vila (cerca de 17 famílias).

[...] será que tenho coragem de ir”? – “Tem. Nós vamos”. “Mas a ... lá a Eletro-norte disse que é dela” – “Coisa nenhuma moço, nós vamos é pra lá. “Lá não alagou, tiraram nós só pra tirar, então vamos mudar. Foi indo de um por um, aí antes disso ficou 17 famílias aqui brigando (Idalina, entrevista de Moradora da Vila,04/08/2017).

Voltando para vila, travaram uma verdadeira luta pra conseguir os lotes de volta, pois alguns já tinham sido demarcados, mesmo assim não desistiram, e depois de tempos conseguiram alguns benefícios como energia elétrica.

Apesar disso atualmente, os moradores (Figura 12), reclamam do abandono do poder público, uma vez que com a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, tiveram muitas perdas, a maior delas citada por todos os entrevistados foi à diminuição do pescado, que era a principal fonte de renda dos moradores que hoje revezam suas atividades entre o rio e a “roça” de subsistência. Em levantamento realizado na vila foi possível perceber que a grande maioria dos moradores são aposentados e se declaram profissionalmente como pescadores/lavradores‘ por exercerem as duas atividades.

Figura 13. Moradores apreensivos com a situação.



Fonte: Autor (2017)

A vila tem uma escola que atende cerca de 190 alunos do 1º ao 8º ano, além de turmas do EJA. Os jovens que estão no ensino médio deslocam-se até a sede do município em ônibus escolar. Os profissionais que atuam na escola (professores, secretários, diretor, escriturários) não residem na vila, eles fazem o caminho inverso ao dos alunos, veem da sede do município para a vila. Apenas as 02 “serventes” e 01 escriturária residem na vila.

Os moradores reclamam também da falta de atendimento de emergência em saúde. Para eles é necessária a implantação de uma unidade básica de saúde simples para que sejam atendidas as necessidades básicas da população:

Tem que trazer algumas benfeitorias pra cá, por exemplo, ah o posto médico, porque “pros” primeiros socorros, quando tem muita gente porque aqui a gente tem a pressão alta não tem né, agora aqui outro dia eu passei mal, muito mal a noite toda, e aí tenho que fretar um carro, tenho que ir pra Itupiranga, ainda bem que o menino, duas horas da madrugada, ele veio me aplicar a injeção, foi como eu amanchei o dia, se tivesse um posto médico eu não estaria melhor? Tinha tomado uma injeção, ainda bem que eu tinha aqui na minha casa, né... (Graça entrevista de Moradora da Vila 13/08/2017).

Outro ponto citado nas entrevistas é a falta de água tratada na vila. Segundo informações, já foi contratada a empresa para realizar a escavação de um poço artesiano, como a primeira escavação não resultou em água de qualidade, a firma foi embora e não mais voltou para concluir o serviço, apesar de já ter feito toda a etapa de encanação subterrânea.

[...] mais que a gente tá faltando uma água tratada e nós não temos, nós tem um caixa ali que vei num sei de onde “diacho”, uma caixa velha que nem presta mais aí “botaram”, uns canos aí debaixo do chão, nunca chegou água, porque o homem veio pra cavar o poço aí quando chegou aí e disse que a água, que o poço não deu água, aí nisso ficou até agora, nós não temos água e nós precisa dessa água. (Marinalva, entrevista de Moradora da Vila. 13/8/2017).

Além disso, os moradores veem a vila com um grande potencial turístico, mas que não é aproveitado por conta desta falta de infraestrutura, pois apesar de não quererem que a vila perca seu ar tradicional de tranquilidade, os supracitados.

3.2 Relatos dos entrevistados

Em entrevistas a moradores, pescadores e ribeirinhos na cidade de Itupiranga, quanto na vila Tauri, constatamos que eles não têm muita informação do que é o projeto. A terceira entrevistada (Marinalva) quando perguntamos o que ela sabia sobre o assunto, nos revelou que não tinha muitas informações concretas: “É eu já ouvi essa história ai que diz que vão

rebentar as pedras pra fazer um canal, só isso! [...] Que vão quebrar as pedras pra fazer canal né! La no rio ter, pra passar navio, essas coisas”.

Percebe-se assim que o Estado disponibiliza pouca informação para população, causando assim uma visão deturpada acerca do assunto. A concepção que os habitantes locais têm sobre o empreendimento se dar de forma fetichizada, pois as informações que são repassadas as são em formas de propaganda, passando a ideia de que o progresso irá trazer desenvolvimento e melhorias para a região, tanto social, quanto econômico, a doutrina liberal e sua teoria de bem comum. Além disso, é importante citar que o pescador, o ribeirinho, o morador da cidade sente-se incapaz frente ao Estado. “Quando os grandes decidem temos mesmo é que aceitar” (Luis entrevistado).

Então, talvez com a chegada do Lourenção, com a quebra do deslocamento do Lourenção isso venha acontece na nossa cidade, porque devemos ter uma educação de qualidade, professores mais remunerados, uma faculdade pra nossa cidade, cursos técnicos, tudo isso pode até ser que eu teja sonhando muito alto, mas não é impossível né, eu acho que não. Então, é isso né, acho que com a chegada do Lourenção vai sim ter um bom desenvolvimento pra cidade, certo vamos perder em algumas coisas, mais vamos ganhar em outras e eu espero que seja com a melhoria de educação pras crianças, de lazer que aqui não tem ate o momento, só é, e no mês de julho que temos a praia, mas no decorrer do ano mesmo não temos uma pracinha, não temos um parquinho, pras crianças né. Então, falta isso pra nossa cidade. (Luza entrevistada 13/08/2017).

Assim, observamos que os entrevistados na cidade de Itupiranga possuem uma ideia de progresso muito forte. Sabe-se que sofreram grandes interferências, que terão consequências tanto boas, quanto ruins. Entretanto, esses malefícios é um “preço a se pagar” pelo o que o desenvolvimento trará para cidade: melhoria na educação, mais empregos, melhoria na saúde e etc.

Contudo, "a sociabilidade burguesa se efetiva por necessidade do capital, e como consequência, as pessoas podem desfrutar dela, enquanto dela estiver submetida aos objetivos da acumulação de riquezas pela burguesia" (BARBOSA,2013, p. 115). Mas até mesmo essa sociabilidade pelo interesse de acumulação capitalista dar-se em virtude de uma classe social desfrutar o melhor possível, enquanto a outra parte da população luta por sua sobrevivência.

Com isso percebemos como a ideologia constrói o nosso imaginário social. Segundo, Chauí (1996 p. 21) nossas ideias são historicamente determinadas pela nossa experiência social, apresenta-se como se as aparências fossem a sua própria essência. Até porque a aparência social nos oferece de cabeça para baixo nossa realidade, o que é efeito aparece como causa e o que causa aparece como efeito. Além disso, naturaliza-se que as ideias existem em si e por si mesmas, escondendo que são resultados da ação humana.

Então, os problemas sociais advindo do progresso existem por que é um processo natural quando o desenvolvimento chega a uma determinada região, tudo tem seu lado bom e ruim. Ainda segundo Chauí (ano, 1996 p. 24), essas imagens e ideias não exprimem a realidade social, mas representam a aparência social do ponto de vista da classe dominante, como se as ideias fossem autônoma e que produzem a realidade material e social. É a naturalização de que as ideias são em si e por si mesmas que faz que a ideologia de progresso seja tão esperada por uma parte da população.

Em entrevista com o secretário do de infraestrutura do município Álvaro que também está envolvido no processo de levantamentos de dados, observamos que o carro chefe deste empreendimento é o setor econômico. Segundo o secretário o governo decidiu implantar a hidrovía e vai fazê-lo, mas não poderá sem antes ouvir os representantes da cidade e a população.

Para o secretário, os impactos causados pelo derrocamento na cidade e na vila Santa Terezinha do Tauri é um “preço a ser pago” pelo o desenvolvimento, mas que o povo não deve sair de “mãos abanando”, pois já foram feitos levantamentos e estudo detalhado das principais necessidades do município que serão cobradas para serem cumpridas como uma espécie de compensação para os danos causados.

Em pesquisa realizada no ano de 2014 na vila Santa Terezinha do Taury, foi aplicado questionário e realizadas entrevistas, os resultados revelaram que 40% dos moradores entrevistados são pescadores, 10% são aposentados, 15% são agricultores e 25% desenvolvem outras atividades, como vaqueiro, professora, dona de casa. Podemos, então, assim dizer que é uma vila de pescadores e sua economia advém da pesca, da agricultura de subsistência e do turismo do verão amazonense (CUNHA, et al. 2014)

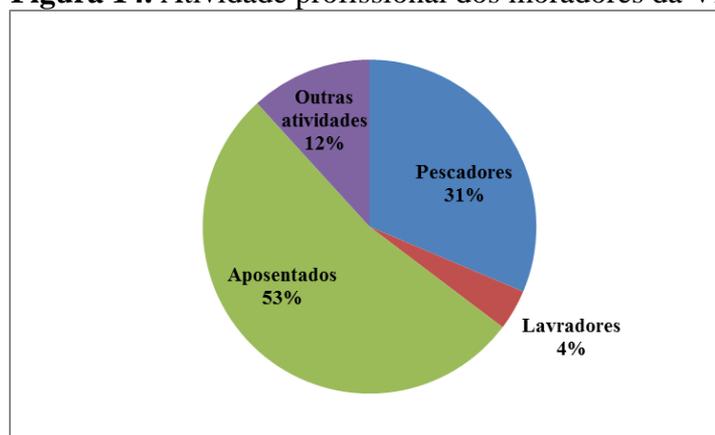
Normalmente as famílias se constitui entre 2, 4 ou 5 pessoas, sendo que 20% das famílias compõe-se de 2 ou 5 pessoas e 25% com 4 pessoas. Além de que 45% deles se enquadram em uma faixa etária de 20 anos a 40 anos, 20 % possui entre 41 anos a 60 anos e 35% está em uma faixa etária de 61 anos a 80 anos (CUNHA, et al. 2014).

Entretanto neste estudo os dados encontrados foram diferentes dos apresentados por CUNHA, et al. 2014, onde foi possível observar que houve um aumento expressivo no número de aposentados. (Figura 13). Isso se deve ao fato de que a população está envelhecendo. A partir do momento que os jovens se veem forçados a saírem da vila para estudar, perdem parte de sua identidade ribeirinha e não retornam. Além disso, outro fator que dificulta este retorno à comunidade é o fato de alguns não se identificarem com a atividade pesqueira e não podem exercer outra atividade, pois estas são muito limitadas. A única ins-

tituição que oferece outra linha profissional é a escola municipal Augusto dos Anjos, mas ainda assim a maior parte de seu corpo técnico vem da sede do município.

Diante disso os moradores temem pela perda de seus costumes, uma vez que seus jovens não demonstram mais o interesse pelas atividades tradicionais como antes.

Figura 14. Atividade profissional dos moradores da Vila Tauiry.



Fonte: organizado pelo autor (2017)

Em visita a essa comunidade observamos que a realidade é outra em relação aos entrevistados na cidade de Itupiranga. A maioria dos moradores entrevistados se mostra desfavorável à implantação da hidrovía e o derrocamento do Lourenço, 50% deles são contra, 40% querem que aconteça o derrocamento e 10% não tem ainda um posicionamento. Segundo alguns pescadores um de seus maiores pesares é o fato de que perderão a tranquilidade da vila que é uma das maiores vantagens de ali se viver.

Ainda segundo os entrevistados, os prejuízos são em calculados, pois, ninguém se manifestou acerca deste assunto, estes tendo ouvido pelo o rádio, 80% deles dizem que não sabem muito sobre o derrocamento, apenas 20% disseram que sabia o que realmente é o projeto. Além disso, esta obra afetará a obtenção do pescado que é a maior fonte de renda, de sobrevivência dos moradores, o qual já se encontra tão escasso o que poderá modificar seu modo e estilo de vida. Estão inseguros em relação ao quanto serão afetados pelo empreendimento, até por que não sabem o que irão fazer quando a hidrovía em pleno funcionamento, não só eles, mas todos os que serão diretamente impactados pelo o projeto.

[...] É, é bonito projeto, realmente muito bonito o projeto né! Mas, não foi sentando aqui dentro da colônia ainda, até aonde eu sei, com os pescadores pra informar, na verdade, como que é esse projeto, ate onde vai nos beneficiar, se vai nos beneficiar, até o momento, que eu saiba não.[...] (Luza, Entrevista na colônia de pescadores 10/05/2017).

Outro fator a ser considerado são os sentimentos de pertencimento que aqueles moradores têm com a região que são laços muito fortes, até por que 65% dos entrevistados moram na vila a mais de 60 anos. Além de que 75% disseram não pensar em ir embora daquela localidade (dados de campo em entrevistas à moradores, 2017). Nas entrevistas falar do “Lourenção” e como falar de um ente querido, um parente, enfim, se identificam culturalmente e socialmente com aquele lugar.

[...] nossa identidade é formada exteriormente e está presente no nosso imaginário, sendo transmitida, fundamentalmente, por meio da cultura. Ela é que nos diferencia dos outros, nos caracteriza enquanto ser ou como grupo social e é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos, sendo determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material (PATRIOTA, 2002, 03).

Dessa forma, ao nos depararmos com essa situação

Quando nos referimos à identidade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, ou seja, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas. Ressaltamos aqui, que esta identidade não é uma identidade natural, geneticamente herdada, ela é construída. Hall (1999: 50) assim a define: ‘uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos (PATRIOTA, 2002, p. 03).

Partindo deste contexto, percebemos a identidade da comunidade estará totalmente ameaçada, por terem que se adequar a outro modo de produzir sua vida material, além do fato de que sofrerão com interferências migratórias, de trabalhadores, que possivelmente se instalarão naquele local o que poderá incorrer em introdução de novas doenças, prostituição, fluxo migratório desordenado tanto com entradas quanto saídas de pessoas.

A medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (PATRIOTA, 2002, p. 05).

Neste sentido, com a interferência do grande capital vila, a possibilidade de alguns moradores serem descartados pelo mercado já que a maioria não possui qualificação necessária que possa ser aproveitada como força de trabalho.

Alguns estudos apontam que:

O Brasil possui 693.705,00 mil pescadores registrados, desse total 8,11 % (56.218) são Analfabetos, 75,51% (523.841) possui ensino fundamental incompleto, 5,69%

(39.443) possui ensino fundamental completo, 4,39% (30.459) possui ensino médio incompleto, 5,65% (39.214) possui ensino médio completo, 0,43 % (2.986) ensino superior incompleto e apenas 0,22 (1.544) % possui ensino superior completo. (ALENCAR: MAIA 2011, p. 06)

Quando se fala no termo analfabeto no Brasil, sabe-se que seu conceito designa uma pessoa que não sabe ler ou escrever, principalmente para os órgãos responsáveis pela produção e informações estatísticas do país. “Nas estatísticas apresentadas pelo IBGE– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é conceituada como analfabeta pessoa que declara não saber ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhece, [...]” (AZEVEDO et al, 2002, p. 04).

Retomando a questão da qualificação da força de trabalho dos pescadores para o mercado capitalista a situação não diferente quanto se observar o estado do Pará. Existem, segundo Alencar e Maia, 214.186 pescadores registrados, desse total 6,72% (14.383) são analfabetos, 82,77% (177.291) não concluíram o ensino fundamental, 4% (8.573) possui ensino fundamental completo, 2,74 % (5.872) possui ensino médio incompleto, 3,42% (7.315) possui o ensino médio completo, 0,24% (519) possui ensino superior incompleto e apenas 0,11% (233) concluirão o ensino superior, assim:

Na lógica do capitalismo, as demandas do mercado de trabalho exigem não só uma ‘eficiência material, técnica e objetiva’, mas também ‘subjéctiva, rápida, criativa e diversificada’ para estarem compatíveis com o tempo produtivo e financeiro, sendo eles altamente flexíveis e rápidos, características de uma produção flexível e globalizada. Há então a necessidade da qualificação do homem para o trabalho (BRITO, 2011, p. 01).

Em relação aos moradores da vila Santa Terezinha do Tauri, na tabela 03 está disposto o levantamento onde mostra dados referentes à escolaridade dos entrevistados.

Tabela 3. Comparação de grau de analfabetismo 2014/2017 da Vila Tauiry.

Dados de CUNHA et al. 2014.		Dados de campo 2017	
Analfabetos	20%	Analfabetos	12, 5%
Alfabetizados	80%	Alfabetizados	87,5%

Fonte: organizado pelo autor (2017).

Foi possível perceber pelas entrevistas que nenhum dos pescadores entrevistados possui ensino médio ou superior. Segundo Felizardo (2010), “para que o trabalhador possa se incluir na sociedade de hoje, faz-se necessário que ele tenha um número mais elevado e com-

plexo de capacidades. Além disso, é necessário saber como utilizar melhor as ferramentas disponíveis para a vida moderna”. Por fim, percebemos como os pescadores da vila Tauri estão expostos a serem deixadas as margens da sociedade por não se enquadrarem na ideologia de qualificação de força de trabalho, conseqüentemente, ficam a margem dos planos planos governamentais, alheio as mazelas sociais e sofrendo todo tipo de impactos resultante do sintrensos do capital nacional e estrangeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que a Hidrelétrica de Tucuruí, mesmo após 43 anos de existência, ainda gera grandes transtornos à população que fica em seu entorno e ao longo de sua jusante e montante. Mesmo depois de tanto tempo ela ainda mostra sequelas de sua construção, tais como: problemas socioeconômicos ocasionados pela falta de políticas públicas voltadas para habitação, saneamento básico, saúde, educação, melhoria do bem estar social.

Um exemplo próximo à nossa realidade está ocorrendo na Vila Santa Teresinha do Tauiry onde os moradores ainda sofrem com as mazelas oriundas desse grande empreendimento na região amazônica. Atualmente um projeto ligado à UHT, que corresponde ao Derrocamento do Pedral do Lourenção e à futura implantação da Hidrovia está afetando ativamente a população da vila no que diz respeito aos aspectos culturais, econômicos e sociais ambientais, uma vez que os habitantes da vila já dizem sentir modificações no modo de vida e nos laços de ligação ao seu lugar.

Os habitantes clamam por mais visibilidade e reconhecimento do poder público e do setor responsável pela obra. Querem a inserção deles como os principais afetados destes projetos, pois estão ocorrendo os mesmos processos de exclusão social que aconteceram em Tucuruí.

Foi possível observar que a principal fonte de renda dos pescadores, no caso a pesca vai ser afetada pelo derrocamento do Pedral do Lourenção e a futura implantação da hidrovia, etapas estas que reconfiguram todos os espaços das pessoas que vivem nos entornos dos Grande projetos.

Esses tipos de empreendimentos na Amazônia são geradores de conflitos e de modificações espaciais, se os mesmos prosseguirem com estes tipos de atividade o futuro das próximas gerações estará correndo grande risco. Fica notável que os movimentos sociais, pescadores, ribeirinhos, indígenas, quilombolas devem se unir e se fortalecer para ir de encontro e ter representatividade e voz para lutar pelo que é seu de direito e de contra ao que é proposto pelo grande capital. Há grandes maneiras sustentáveis de explorar os recursos naturais existentes em nossa região.

Faz-se necessário uma intervenção para que estes atores sejam colocados em evidência. Estes que são diretamente afetados pelos grandes empreendimentos. Buscar descobrir seus verdadeiros papéis frente à investidura do sistema capitalista que visa o lucro acima de tudo, enquanto, enquanto grande parte da população que ali vive continuará vivendo em condições precárias e numa região que cujas características originais foram alteradas e com

poucas saídas para outras formas de produção. Isso acontece porque o pedral é um berçário de peixes, que será extinto, dificultando ou mesmo até impedindo a atividade pesqueira e o rio se tornará apenas conduto de passagem para grandes empreendimentos econômicos.

Por fim, este é um grande debate que não se esgota aqui e ainda vai perdurar por muito tempo, mas a pergunta que fica no pensamento do povo que ali vive é: até quando seremos meros espectadores dos processos de saque de nossas identidades e recursos, que transformam profundamente nosso modo de vida e tiram nossas fontes de subsistir em nossos lares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, C. Alexandre Gomes de; MAIA, Luis Parente. **Perfil Socioeconômico dos pescadores brasileiros**. Arq. Ciên. Mar, Fortaleza, 2011, 44(3): 12 – 19.

ALMEIDA, Alivinio; PERES, Fernando Curi. **Hidrovia Tocantins - Araguaia: Importância e Impactos Econômicos, Sociais e Ambientais, Segundo a Percepção dos Agentes Econômicos Locais**. RBRH — Revista Brasileira de Recursos Hídricos Volume 12 n.2 Abr/Jun 2007, 169-177.

ANTAQ- Agência Nacional de Transportes Aquaviários; UFSC; LabTrans. Relatório técnico - bacia do Tocantins-Araguaia, 02/2013.

AZEVEDO, Ana Laura et al. **Perfil do analfabetismo e do Illetismo no mundo, na América Latina e Caribe, no Brasil, no Estado de São Paulo e no município de São Paulo** Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Pós-graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. São Paulo, 2002.

BARBOSA, Cloves. **Situações de Opressão e Emancipação, Tendências Amazônicas e Mundiais**. Editora Universitária da UFPE, Recife/PE, 2013.

BATISTA, Mateus Henrique; COSTA, Sérgio Miguel Correia. **O modal rodoviário e as exportações: O caso Brasileiro**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, s/d.

BENINCÁ, D. **Energia e cidadania: a luta dos atingidos por barragens**. São Paulo: Cortez, 2011.

BRITO, Leonardo Chagas de. **A ideologia da qualificação, trabalho e a ampliação do “mercado da educação superior**. Site acessado às 12:28, no dia 08.05.2014: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt5/sessa02/Leonardo%20Brito.pdf

CASTRO, E. Resistência dos atingidos pela Barragem de Tucuruí e construção de identidade. in: **Na trilha dos Grandes Projetos: modernização e conflito na Amazônia**. Castro, Edna e Hébert, Jean. (Org.). Belém: AEA/UFPA, 1989.

CPT/Comissão Pastoral da Terra. Tucuruí. Progresso pra quem?. Dossiê. 1989.

CHAUI, Marilena. **Convite a Filosofia**. Editora Ártica, 5ª edição, São Paulo/SP, 1996.

COUTO, R. C. S.. Saúde e projetos de desenvolvimento na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA** vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

CUNHA, J. D. O.; GUAJAJARA, R. P. B.; CARVALHO, R. F. **A derrocada do pedral do Lourenço o rio não está pra peixe para os pescadores da Vila Tauri**. Disciplina: políticas clássicas II. Curso de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 2016.

ELETRONORTE. Usina Hidrelétrica Tucuruí – **Memória Técnica**. Brasília, 1989.

FELIZARDO, Jean Mari. **Capitalismo, Organização do trabalho e tecnologia da produção e seu impactos na qualificação da força de trabalho.** 10/2010.

FINKELMAN, J.; CARCAVALO, R.U.; NÁJERA-MORRONGO; J. A. Consideraciones epidemiológicas. In: **Las Represas y sus efectos sobre la Salud.** México: OPS/OMS, 1984.

HUGLES, W. **Eletróbras Eletronorte realizam despejos de moradores da Vila Permanente em Tucuruí.** 2011. Disponível em << <http://jornaldetucuruí.blogspot.com.br/2011/05/eletrabras-eletronorte-realizam.html> >> Acesso 25/08/2017.

MELLO, S. Hidrelétricas. O sofisma da energia limpa. *Saneamento Ambiental* n.59 jul/ago. 1999.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano.** 458 f. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

PATRIOTA, Lúcia Maria. **Cultura, identidade cultural e globalização.** João Pessoa-PE, 08/2002.

PENA, Rodolfo F. Alve. **A Geografia Física do Brasil.** Disponível: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/hidreletricas-no-brasil.htm>. Acesso, 16/08/2017.

PINTO, L. F. De Tucuruí a Belo Monte: **a história avança mesmo?** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 3, p. 777-782, set.-dez. 2012.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da Globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROCHA, Gilberto de Miranda. Gestão local e municipalização do território: a cidade e o reordenamento político-territorial na área de influência da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. In: TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; ROCHA, Gilberto de Miranda (Org.). Cidade e empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local. Belém: Paka-Tatu, 2002. p. 83-110.

_____; GOMES, Claudemir Brito. A construção da usina hidrelétrica e as transformações espaciais na região de Tucuruí. In: TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; ROCHA, Gilberto de Miranda (Org.). Cidade e empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local. Belém: Paka-Tatu, 2002. p. 27-57.

RODRIGUES, Dayse Mysmar Tavares. **Hidrovia Araguaia-Tocantins: uma análise da integração e do desenvolvimento.** Revista Eletrônica Faculdade Montes Belos, Goiás, ISSN 1808-8597, v.1, n.2, p. 74-87, nov. 2005.

SALES, R.S.; PEREIRA, S.F.P.; SANTOS, D.C.; OLIVEIRA, G.R.F.; SILVA, C.S.; OLIVEIRA, J.S. Mobilidade Geoquímica de Metais essenciais (Ca, Mg, Na e K) Na Usina Hidrelétrica de Tucuruí. In: **54 Congresso Brasileiro de Química.** Natal Rio Grande do Norte, 2014.

SANTOS, S.C.; NACKE, A. **Povos indígenas e desenvolvimento hidrelétrico na Amazônia.** *RBCS.* 3v. n.8, 1988.

SANTOS, L. R. **A Dinâmica Socioespacial de Tucuruí a Partir da Construção da Usina Hidrelétrica.** 54f. 2014. Monografia do curso de graduação em Geografia da Universidade de Brasília, Brasília, DF.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, Hugmar Pains et al. **O impacto da proposta de implementação da Hidrovia Paraguai-Paraná, na visão de diversos setores da sociedade em Cáceres, MT.** IV Simpósio sobre recursos naturais e sócio-econômicos do Patanal. Corumbá/MS, nov/2004.

SOUSA, N. R.; CAÑETE, V. R.; SOUZA C. L.; RÔMULO MAGALHÃES DE.; SOUSA, A. L. M.; VILAR, A. D.; NEGRÃO, M.; ARRAES, R.; CAÑETE, T. . R. **Estudo Socioambiental da Represa de Tucuruí 2006/2007.** 2008. Disponível em: <<<http://www.ufpa.br/quimicanalitica/palestra6.pdf>>>. Acesso: 28 agosto de 2017.

TALENTO, A. **Às margens da usina de Tucuruí, 12 mil famílias vivem sem energia.** 2013. Disponível em: << <http://m.folha.uol.com.br/mercado/2013/01/1210893-as-margens-da-usina-de-tucurui-12-mil-familias-vivem-sem-energia.shtml>>> Acesso: 28 de agosto de 2017.

TUCURUI VIRTUAL, Usina Hidrelétrica de Tucuruí: A maior obra de engenharia da Amazônia. 2017. Disponível em:<<http://www.museuvirtualtucurui.com.br/hidreletrica/>> Acesso em 04 de setembro de 2017.

VAINER, C. B. **Águas para a vida, não para a morte.** Notas para uma história do Movimento de Atingidos por Barragens no Brasil, 2008. Disponível em: <<http://www.observabarragem.ippur.ufrj.br>>. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

VANANCIO, M.; CHELOTTI, M. C. **Efeitos socioespaciais de grandes empreendimentos: o caso da barragem de Lajeado sobre o povo Xerente no Estado do Tocantins.** **Espaço em Revista.** v. 18, n. 1, jan/jun. 2016. p. 114-131.

WHO. Health impact of different energy sources. [s.l.]:Regional Office for Europe Copenhagen,1983.

APÊNDICES**LEVANTAMENTO DEMOGRÁFICO E INFRAESTRUTURAL DA VILA TAURI,
ITUPIRANGA, PARÁ****ANEXO 1****FICHA SÓCIO-DEMOGRÁFICA****IDENTIFICAÇÃO****1. N.º Entrevista:** _____**2. Data de Preenchimento:** ___/___/___**3. Nome:** _____**4. Endereço:** _____**Cidade:** _____ **Estado:** _____**Data de nascimento:** ___/___/___**5. Idade:** _____ anos**6. Sexo:** Masculino Feminino**7. Naturalidade:** _____**8. Tempo de residência na Vila Tauri:** _____ anos**9. Estado Civil:** Nunca foi casado Casado União estável Viúvo Divorciado/separado**10. Escolaridade:** analfabeto (0 anos) grau incompleto grau completo (08 anos) grau incompleto

- grau (11 anos)
- superior incompleto
- superior completo (15 anos)

11. Situação ocupacional atual:

- estudante
- assalariado
- autônomo
- desempregado (último emprego há menos de 1 ano)
- aposentado
- não trabalha, mas recebe benefício.
- não trabalha e nem recebe benefício
- atividades domésticas (donas de casa)
- nunca trabalhou e/ou estudou

12. Número de pessoas residentes na casa: _____

13. Número de filhos: _____

14. Renda mensal familiar: _____

HISTÓRIA DA CONDIÇÃO INFRAESTRUTURA DA VILA TAURI

15. Ocorre algum tipo coleta seletiva de Lixo? () SIM () NAO

16. A coleta e destinação de resíduos sólidos são problema crescente? () SIM () NAO

17. A coleta é eficiente? () SIM () NAO

18. A destinação é adequada () SIM () NÃO

Caso não tenha coleta de lixo

19. Os problemas relacionados coleta de lixo são discutidos em alguma reunião com lideranças políticas? () SIM () NÃO ()

20. Existe serviço de água público? Qual sua eficiência? Efetividade? _____

21. Existe coleta pública de águas residuais? Em que medida? Qual sua eficiência? _____

22. Nos locais onde não há coleta pública, qual o tratamento dado aos efluentes? _____

23. Há distribuição de serviços de energia na vila? () SIM () NÃO

24. A Vila possui algum tipo de serviço hospitalar? () SIM () NÃO Quais?

25. A Vila possui transporte público? () SIM () NÃO Quais? Qual a frequência diária do transporte? Funciona aos finais de semana?

26. A Vila possui serviços bancários, farmácias, mercados, postos de saúde, representações da criança e adolescentes, mulher, idosos, serviços sociais fornecidos pelo poder público?

27. A Vila possui escolas, creches?

28. Há algum tipo de programa público preventivo de saúde? Como é o atendimento público de saúde em caso de doença? E em caso de emergência?

29. Há ações de educação para a saúde?

29. Existe escola pública até que nível? Qual porcentagem de crianças na escola? Quais as condições de funcionamento das escolas?

30. Existe algum atrativo para o lazer fornecido pelo poder público? Qual?

31. A vila possui áreas para alimentação? Áreas de piquenique, quiosques, mesas, churrasqueiras? Quais?

32. Antes da notícia da construção da hidrovía a infraestrutura da vila bem como os serviços básicos de saúde, educação, lazer, e bem estar e todos os serviços necessários

eram oferecidos? Como você avalia o antes e depois da vila? Por quê?

33. Com as obras de derrocamento do Pedral do Lourenção e a futura implantação da hidrovia a estrutura da vila tende a melhorar? Por quê?

34. Você concorda com derrocamento do Pedral do Lourenção e a implantação da hidrovia? Por quê?

35. O derrocamento do Pedral do Lourenção e a futura implantação da hidrovia vai beneficiar a Vila? Por quê?

36. Quais os problemas do derrocamento do Pedral do Lourenção e da futura implantação da hidrovia para vila? Quais os problemas que existem hoje devido a construção da hidrovia que não existiam antes?

O IMPACTO DA USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUÍ NA VILA SANTA TEREZINHA DO TAUIRY: ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA SOCIAL

Pesquisador: _____ Questionário N°.: _____ Data: ____/____/2014.

1. Endereço da residência: _____.

2. Sexo do entrevistado(a):

Masculino

Feminino

3. Idade:

14-18 anos

18-25 anos

25-35 anos

35-45 anos

45-55 anos

Mais de 55.

4. Grau de escolaridade do(a) entrevistado(a):

Analfabeto(a)

Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série)

Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série)

Ensino Médio incompleto

Ensino Médio completo

Superior incompleto

Superior completo

5. Qual a ocupação do(a) entrevistado(a) no momento?

- Desempregado(a)
- Dona de casa
- Estudante
- Trabalhador(a) formal
- Trabalhador(a) Informal

6. Qual a renda familiar total aproximada:

- Até 1 SM
- 2-3 SM
- 4-5 SM
- 6-7 SM
- 8-9 SM
- Acima de 10 Salários Mínimo

7. Tempo de residência no local:

- Menos de 1 ano
- 1-5 anos
- 5-10 anos
- Mais de 10 anos

8. Condição do domicílio:

- Regular
- Irregular
- Favela ()

9. Infraestrutura no domicílio:

a) Água encanada:

- Sim

Não

b) Rede de esgoto:

Sim

Não

c) Coleta de lixo:

Sim

Não

d) Energia elétrica:

Sim

Não

e) Pavimentação:

Sim

Não

QUESTIONÁRIO SOCIO-ECONÔMICO FAMILIAR
Aplicado aos moradores da Vila Santa Teresinha do Tauriry.

Número do Inscrição _____

Nome completo: _____

Endereço: _____

Estado civil: _____ **Nº de filhos:** _____

01) Quantos membros da sua família moram com você?

1 2 3 4 5 mais de 5

02) Você ou algum membro de sua família são beneficiários de Programas Sociais

(Bolsa Família, Benefício de Assistência Social, etc.)? Sim. Não

Qual? _____.

03) Você e sua família residem? Imóvel próprio Imóvel Alugado

04) Marque as características que melhor descrevem a sua casa . Pode marcar mais de uma opção.

Residência com acabamento. Residência sem acabamento (sem reboco, pintura, piso, banheiros inacabados, etc.)

Possui: Rede de Esgoto Fossa Banheiro Chuveiro Água Luz

Cobertura: Laje Telha Outros.

Piso: Cimento Cerâmica Outros _____.

Número de Cômodos: _____

05) Qual seu grau de escolaridade?

- não alfabetizado
- ensino fundamental incompleto.
- ensino fundamental completo.
- ensino médio incompleto.
- ensino médio completo.
- ensino superior incompleto.
- ensino superior completo.

06) Você trabalha atualmente?

Sim () Onde? _____

Não ()

07) Qual atividade você desenvolve em seu dia a dia?

08) Quais suas habilidades e quais as atividades que você gosta de desenvolver?

09) Essa atividade é sua principal fonte de renda? () Sim () Não

10) Quadro Familiar.

Abaixo deverão ser lançados dados sobre a família de origem.

Membro da família	Idade	Parentesco	Escolaridade	Profissão	Renda Mensal

Observações:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____,
_____, RG _____,

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores (Pesquisador: Joana Darc de Oliveira Cunha, e a Orientadora: Prof^ª.Dr^ª.) do projeto de pesquisa intitulado “” a realizarem as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Marabá, ____ de _____ de 2017

Joana Darc de Oliveira Cunha
Pesquisador responsável

Sujeito da Pesquisa

ANEXOS

TRANSCRIÇÕES

Senhora Antonia Pereira - Moradora

- Tá... Então vamos fazer aqui a nossa entrevista com a Dona Antônia Pereira, certo Dona Antônia? Gostaríamos que a senhora disse pra gente, seu nome completo, dito pela senhora.

- É como foi colocado aí.

- É né? Sua idade?

- Minha idade é 69 anos.

- Eu queria que a senhora falasse em breves palavras, é... a sua trajetória na vila. Quando a senhora chegou aqui.

- Quando eu nasci, nasci em Itupiranga, eu sou filha de Itupiranga mesmo, aí mas só que eu me criei aqui dentro dessa vila, nasci lá e vim pra cá, com meus 12 anos, eu mudei pra cá pra vila, minha mãe morava aqui, nós foi tudo criado aqui, nós tudo criança, nós tudo “fique” sempre aqui, sempre ficamos morando aqui...

... Aqui a gente vivia, naquela época, a gente vivia da castanha, do açá, do peixe, do garimpo, é... era dessas coisas que a gente vivíamos aqui, era bom naquela época, nosso tempo era bom, hoje é bom, mais o nosso tempo, naquele tempo era bom, porque aqui nós não tinha energia, naquela época era tudo na lamparinazinha, a gente gostava, menino dentro desse mato brincando de esconde, era bom demais, aí nos subia nos pau e os meninos gritavam, “ei pei, já pode pegar?” aí disse “já, já” “já tamo pegando” aí “pour”. Aí corria pra moita, um passava e dizia, “lá vem a turma passando... Pererê, Pererê, pererê”, aí nós descia e ia pra mancha, é... pois tá bom.

Era aqui que a gente vivia do peixe, vivia dessas coisas, hoje mudou, porque hoje, naquela época nossa não tinha aquele negócio “não vamos acolá botar um amarrador”, não existia isso. Aqui nossos pais saim de manhã pegava a tarrafa, jogava acolá, e vinha chapado de peixe, aí só faltava gritar a turma, ele encostava aqui no pedral “peixe... quem quer peixe?”, aí nós descia, cada “curimatá zona”, pacú, “cruvina”, todo tipo de peixe vinha, não tinha essa de perseguição que tem agora, pescar. Hoje você pra você pegar um peixinho é uma luta, porque naquela época também não tinha aquele bicho que se chama boto, boto era muito difícil, hoje, ele salta por “riba” da maiadeira, ele se embola com a maiadeira e se desembola, se tiver um peixe deste tamanho assim, eles tira tudo, você nem tira, aí você... é mais difícil no peixe né.

Aí sobre energia, sobre esse tipo de coisa, melhorou pra nós um pouco porque hoje você já “tá” acostumado com ventilador “cê” já “tá” acostumado com água fria, “cê” tem a

geladeira, “cê” tem coloca uma água, “cê” coloca um peicinho, que você pega, é bom, mas eu achava melhor naquela outra época, na minha época eu achava melhor.

(simples né)

Era simples e hoje você “vevi”, porque hoje é, hoje é tudo bem pra gente viver, mas você sabe, a gente vive aperriado, mas dá pra viver, é pouco o ganho que a gente pega, mas dá pra viver, que Deus deu essa bom... essa... essa ajuda pra nós, aí o governo ajudou, é pouco mas o “saláriozinho” todo mês você vai buscar, dá pra custear as despesas, a doença, o remédio, pra comprar mas dá... não é... “cê” sabe... não é o suficiente, mas dá, graças a Deus dá pra gente escapar e aí tem tido, mas e outra coisa, eu gosto aqui do meu lugar, acho bom, aqui é calmo, aqui você não tem aquele desespero de dizer... “hoje eu não vou dormir porque tem alguém batendo na porta, eu não vou me ‘assosegar’ porque tem outro batendo na porta até hoje né, porque a partir desse movimento que vão começar, que eu não sei conversar sobre isso aí né... esse movimento que vai acontecer, ninguém vai saber que é que vai acontecer, nós espera que seja tudo bom, mas a senhora sabe que não é, entra tudo quanto coisa ruim, tudo quanto é elemento ruim entra, aí ninguém sabe o que vai acontecer, mas até hoje – porque o pessoal temo dizer “ não.. lá no Tauiry se dorme de porta aberta” – porta aberta assim, porque “cê” entrou pra dentro, fechou a porta, deitou tranquilo, se não ser um cachorro ou uma moto passando, “cê” tá tranquilo, dormindo, ninguém mexe não né? É uma bondade pra nós, é bom demais, tem esse movimento dessa arvore, nós “veve”, porque tem esses pés de manga na frente, tem essa beleza que nós temos, tudo pra nós aqui é bom. Porque na rua ninguém vê, nem tem essa sossego, é... é... quentura direto... Aqui não, - “bora menino lá pra debaixo daquele pé de arvore, pé de caju, pé de manga, vamos ficar ali” – tem onde a gente ficar tranquilo, pegando aquele arzinho. Todo mundo que vem de férias ou de fora gosta de ficar ali debaixo dos pés de manga pra assistir a beleza, bom, bom demais. Eu adoro aqui o meu lugar, gosto. Pra mim até hoje eu não tenho que dizer e não tenho nem vontade de ir embora, só se for ali pro pé de Tucum. (risos).

Dona Antonia, a senhora viveu aquele processo de... da hidrelétrica de Tucuruí, que ele fizeram a retirada, a senhora passou? Neste tempo a senhora já estava aqui, claro né?

Tava...

E aí a senhora foi remanejada pra cidade? Me conte como foi que funcionou como foi que aconteceu?

Nós “fumos” pra cidade, porque aí quando a (Basevi), eles entraram tirando o pessoal, uns bocados, aí tiraram, fizeram umas casinhas bem lá na vila, aí deram pro povo, aí eles começaram a dizer “não... é pra mudar”, aí vieram buscar – “bora de mudança” – aí levemos um

bocado de coisas pilão velho, diachos, os cambau, as coisas que tinham levemos pra lá. Aí eles entregaram a vila lá pra nós, mas essa vila não tinha onde se plantar nada, seco, torrado, só aquele destampadão aí no mundo. Hoje já tá boa ela, hoje... a vila hoje está boa,. Só aquele destampadão lá e nego ficou olhando aí disse; “rapaz quer saber de uma coisa, vamo embora pro nosso lugar, - “vamo” – aí – “será que tenho coragem de ir”? – “Tem. Nós vamos”. “ Mas a ... lá a Eletronorte disse que é dela” – “Coisa nenhuma moço, nós vamos é pra lá. “Lá não alagou, tiraram nós só pra tirar, então vamos mudar. Foi indo de um por um, aí antes disso ficou 17 famílias aqui brigando, inclusive seu Zé Nicolau foi um que ficou aqui brigando por esta... por este pedaço de chão, aí eles... entrou ele e mais dois companheiro, aqui ficaram 17 pessoas, essa 17 pessoas ficaram aqui morando, aí eles disse: “como é que a gente vai fica aqui sem comercio, sem ter nada pra comer, pra comprar, então nós vamos fazer nossa vilinha”, aí enfrentou ele e outro rapaz de nome João Beijú, aí enfrentou junto com ele foi que recebeu esse lote que é o patrimônio pra poder fazer outra vila pra o pessoal poder voltar pra cá, a metade, não todos né? Que uns tinham condições, outros não tinham, os mais pobres tinham que sair mesmo né da rua. Aí nós viemos, a metade veio pra cá, aí foi uns fazendo casa por aqui, outros fazendo pra acolá, foi indo, foi indo até que tornemo levantar nossa vila, aí fiquemos aqui. Aí tem uns que a Eletronorte fez os cadastros – pra trás ainda – aí ajudou, fez a cooperativa, deu um pouco de coisa pro pessoal, mas tem outros que nunca receberam nada, aí vive lutando com dificuldade pra ver se recebe alguma coisa, mais até agora ainda nada saiu, saiu pra uns e pra outros não, e aí, o pessoal não quiseram ficar sofrendo lá, porque era morrer de fome porque graças à Deus ainda tinha, como o pessoal diz, ainda tinha uma melhoraquinha como o negócio do açaí, do feijão, do arroz, o açaí ainda tinha, agora a castanha foi embora, ninguém não teve mais comprador, aí foi o tempo que entrava tudo debaixo de fazenda, aí o pessoal cortaram tudo as árvores, tudo, aí a gente é nessa vidinha aqui, agora não... ainda tem um pezinho de açaí para gente se alimentar, pessoal tira, a gente compra, tem umas maquinazinhas de bater açaí, inclusive tem três, aí todas três quando é dia que tem açaí, o pessoal compra, bate, aí a gente vai e compra, não é mais aquele tempo que a gente... não vamos todo mundo pro mato, pra assubir as meninas vai e as rapaziada sobe e as meninas estão descaroçando para trazer, porque cansei de ir pro açazal, descaroçar açaí, pra nós ganhar o açaí, o padraço tirava o açaí e jogava... e vinha deixar em baixo, aí a gente forrava e ia descaroçando tirando daquele caroço, vendia muito também, mas nós ficava pra comer, agora tá mais fraco, mas sei que ainda tá dando, sei que ainda dá pra nós comer.

- E deixa eu lhe perguntar, em relação a infraestrutura da vila... o que a senhora acha em relação a saúde: tem agente de saúde? Tem agente de endemias?

- Tem! Tem uma agente de saúde aqui, ele mora aqui, que é esse que nós tamo falando, é o Ronaldo, sempre ele ajuda as pessoas, ajuda a gente, vai lá na cidade, se tem um remédio ele não pode mesmo mexer muito, c sabe, tem que arrumar a pessoa que tá doente e levar lá pro médico e ajuda bastante isso ele faz.

- E postinho de saúde?

O posto de saúde nós ainda não temos porque tem se lutado muito, mas até agora os grandes lá de fora ainda não conseguiram botar pra cá, e nós precisa de um posto de saúde, nós precisa de uma agua tratada que nós não tem, nós bebe agua aqui de um poço porque nós mandamos cavar um poço aí nessa casa já tem o que? uns 10 á 15 anos e da onde a gente bebe um pouco de agua, mais que a gente tá faltando uma agua tratada e nós não temos, nós tem um caixa ali que vei num sei de onde “diacho”, uma caixa velha que nem presta mais aí botaram, uns canos aí debaixo do chão, nunca chegou água, porque o homem veio pra cavar o poço aí quando chegou aí e disse que a água, que o poço não deu água, aí nisso ficou até agora, nós não temos água e nós precisa dessa agua.

- E a senhora acha que com essa movimentação do pedral Lourenço, e com essas empresas vindo vai ter melhorias nessa questão de infra estrutura, seja saúde, seja educação?

- A gente vai esperar se tiver quem lute né! Se não tiver quem lute não vem, porque é o seguinte, você ta lá fora aí você imagina assim, “ô rapaz será que lá no Tauri tá acontecendo alguma coisa? Tá tendo um deslocamento ali na praia... na pedra do Lourenço, será que tem alguma pessoa ajudando o pessoal da comunidade, não eu vou ver, chega aqui você pergunte, e aí tem uma pessoa que ajude, um presidente, uma coisa, uma pessoa, não tem não, rapaz eu vou lá fora ver se encontro uma pessoa pra ajudar, rapaz.. é assim.

É isso que tá faltando, nós ter uma pessoa que lute, um vereador, um prefeito, pra ter uma coisa pra ajudar a gente. Nós não temo... tem mais não vem fazer, porque já correram muito atrás, olhe, diz que já foi uns dois poços pra fazer esses dois poços nem nunca apareceu essa água, nós precisa de um agua tratada, boa, como você sabe que tem que ter agua pra saúde, que a saúde tem que ter uma água boa pra gente tomar, tem um pocinho aí a gente bebe tranquilo.

- E em relação ao modo de vida, a senhora dis (...) porque a senhora disse que mudou, é antes não tinha energia, era na lamparina, né?! E o estilo de vida mais... a senhora achava melhor?. Aí veio a Eletronorte, veio Hidrelétrica, e veio o desenvolvimento e agora tem energia não é, já é outro estilo de vida. A senhora acha... porque eles vão derrocar o Lourenço pra implantar a hidrovía, né, vai ficar passando aí barcas e tudo

mais. A senhora acha que vai ter mudança, neste estilo de vida que vocês tem, porque a senhora acha que vai mudar, como que a senhora imagina este futuro?

Eu imagino assim, porque as vezes vai mudar assim, o dessassocego da gente que ninguém sabe porque, eu acho que eles não vão tirar a nós daqui, ninguém sabe né... há ninguém sabe. Ninguém sabe nem explicar porque ninguém sabe. A senhora tá entendendo né? Ninguém sabe, então se é uma coisa que eles vão mexer, e se é como estou dizendo pra você, se não tiver uma pessoa daqui do nosso lugar, por exemplo um agente de saúde, quer dizer um presidente pra debater com eles pra ver o que que eles vão deixar pra nós, é isso a canseira do povo pra saber o que eles vão deixar pra nós, porque se eles... Eles dizem “Aaa á não vai mexer não”, mais ninguém sabe, só sabe quando ta pra fazer o trabalho né? Quando fazer o trabalho é que sabe, aí eu não posso explicar porque eu não sei o que que vem pra nós de lá.

- Nunca foi feito assim uma reunião pra dizer assim como vai ser feito? Onde que vai ser instalado o maquinário?

- Ainda não, ainda não chegaram ainda essa ponta aqui não, porque eles tem que se... se eles vão fazer esses trabalhos eles tem que chegar aqui na vila e entrar com a comunidade pra explicar o que é que vai trazer, o que vai deixar pra nós que até agora ninguém entrou pra dizer, só vai dizer assim “ não passaram aí, aí foram á embaixo pra ver a deslocação da coisa que já foi falado muito, foi falado não ... é falado direto né? Pra ver, mas aqui na vila pra gente chegar e sentar um pra dizer assim “ não eu quero a comunidade reunida porque a gente vai fazer isso e deixar isso” ainda não chegou, pode entrar ainda não é, porque ainda tem tempo, ninguém sabe nem quando vai começar, é só correndo aí de avião, de motorzão, no carro, que vem e para aqui – “não nós vamos ali tirar foto dali da agua” - não sei de que porque, lá num tá nem seco pra ver onde é que tá a pedra direito, tem muita agua ainda, o rio tá muito cheio, ela fica uma pedra bonita fora, mais ninguém sabe o que vai acontecer, derrubar quando ninguém sabe.

- Dona Antônia obrigada.

- Explicar disso daí porque explicar do Lourenção outras pessoas explica direitinho, expliquei até onde eu sei.

Sexta-feira, 04 de Agosto 09:22 AM

Maria das Graças Pereira Gomes - Dona Gracinha – Moradora -

Diga seu nome, sua idade:

Maria das Graças Pereira Gomes, sou de 50, do dia 24 de Agosto.

A senhora nasceu onde, dona Gracinha?

Aqui mesmo no Tauiri

Aqui mesmo?

Conte um pouquinho pra gente, como a senhora nasceu aqui, como foi o desenvolver da vila? Como que ela se desenvolveu? De onde surgiu? O que que a senhora lembra?

Aqui.... (deixa eu ver...) ah.. quer dizer, a época que eu nasci, a gente vivia da castanha, né que era a vivencia daqui, era a.. a... diamante na época da... da... época do garimpo que é sempre a castanha no inverno e o garimpo no verão, então daí foi acabando, foram desmatados acabando com as coisas, diamante também acabou agora a gente pode nem mexer né... E... aí vem a pesca.

A pesca também “tá se acabando, mas a gente ainda “tá” sobrevivendo, se alimentando dele, da... da... pesca.

E quem foram os seus pais?

Meu pai chamava Pedro Pereira Gomes, não Pedro Pereira da Silva,

Ele era filho do...

Ele era do Maranhão, só que ele já foi criado aqui, ele era filho de Imperatriz.

E aí ele veio pra cá logo no inicio da vila.

Uhum... Ele veio pra cá rapazinho mais minha mãe.

Eles trabalhavam no garimpo? Do garimpo... eu me entendi.. ele trabalhando no garimpo e tirando castanha para nós sobreviver, da caça, da roça, plantava arroz, feijão, o milho, as coisas da gente sobreviver.

Como era a vida aqui na vila antes da hidrelétrica?

Ah... era assim do jeito que depois que eles vieram que tiraram a gente daqui né ficou tudo difícil para gente porque a gente vivia aqui tinha o óleo do Coco, a gente tinha onde de fazer o carvão da casca do Coco a gente tinha, né... como já eu falei da castanha dos diamantes disso... quando a barragem veio acabou... e aí é o desmatamento acabou com a castanha, aí é... o gado também acabou, e nó “tamo” vivendo aqui desde a pesca e “tá” devagar.

E a senhora já ouviu falar deste movimento que estão tendo sobre a hidrovía... sobre a derrocada do predral do lourenço, o quê que a senhora acha de tudo isso?

É porque até na minha opinião eu acho que nós aqui não vamos empatar por causa que eles que são os maiores né, são gestores *da... de fazer* tudo isso, só que a gente espera dos gestores aqui de Itupiranga, do prefeito, das pessoas que têm competência aqui e que eles tragam alguma coisa em troca para nós aqui, porque a gente precisa de muita coisa.. posto de saúde, é uma estrada boa e tem que ter alguma coisa que a gente fica como sobrevivência por causa que o peixe já tá pouco e com a hidrovía vai ficar mais difícil, só navio grande, essas coisas grande, vai acabar com as coisas que a gente sobrevive, então é aí que a gente espera que eles tragam um porque só eles lá pode né... trazer alguma coisa de bom para cá.

A senhora tem filhos, tem parentes que moram fora da vila?

Minhas filhas mesmo moram só em Itupiranga, lá na Vila onde eles construíram né... a Vila Santa Terezinha.

Então eles continuam com as mesmas casas que foram dadas na época pela Eletronorte? Ou já moram em outros locais?

É.. (deixa eu ver) eu tenho três, só três que mora nas casas ainda, porque uma mesmo era minha eu vendi para poder vim sobreviver aqui, vendi pra minha filha.

E qual foi a razão pra essas pessoas, seus filhos ou conhecidos saírem da vila?

Não.. muitos conhecidos venderam sobre a sobrevivência que não tinham, pessoas sai daqui do interior, que ele tem tudo, vai ali num mato, quebra um coco, tira o azeite, né pega um peixe e aí quebra um coco tira um leite, põe na comida é... e lá aonde andava se caçando, assim. eu pelo menos fui para lá com 7 filhos eu sofri muito mas graças a Deus, Deus mandou em minha vida meu irmão Saint-Clair, que foi o... foi o pai das minhas filhas, que me ajudou muito na... no.. estudo delas, na na na na sobrevivência que eu não tinha, né... a minha vida era trabalhando na roças, atravessava o rio, pra trazer alguma coisa pra minhas filhas, viveram empregadas nas cozinhas alheias né... pra poder comprar o calçado.. isso que eu não tinha, não tinha emprego, não tinha estudo, como não tenho.

E a senhora vive do quê aqui na vila? qual a sua fonte de renda?

Eu sou aposentada.

E a senhora vive só da aposentadoria?

Não, eu tenho essas, esse barzinho aqui, que já “tá” mesmo pouquinho porque eu já não tenho mais forças pra trabalhar assim, só pra passar o dia, pra gente não ficar sem fazer nada, que “tô” acostumada a trabalhar, ele não fica sem fazer qualquer tipo de atividade né..

Mas aqui final de semana costuma vir muitas pessoas, como é que é o turismo?

Aqui já teve melhor o turismo, mas devido acho que não ter muita atração, por que aqui é um lugar maravilhoso né.. Se tivesse assim, as coisas que eles precisam aqui quando ele vem pre-

cisa... que eu não sei nem dizer... então que eles precisa vir mais aqui já foi muito mais visitado,

Mas na época tinha ou não, nessa época que a senhora diz que era muito mais visitado, tinha isso que as pessoas procuravam?

Não até porque deixaram de vim, acho que devido a não tem aquela... não é?

Mas aí a senhora fala no sentido de ter restaurante, ter... é?

È... banheiros... que eles alegavam que não tinham assim um banheiro no lugar,

Não tinha um dormitório, não tinha um hotel

aqui quem tem ainda uma casinha que aluga, mas é assim, de firma, passa dois três meses, é eu, mas é onde tem né... quando eles veem, mas são umas pessoas bacanas, as firmas que já tiveram aqui, três/quatro meses foram muito bom, muito ótimo, pessoa muito legal.

A Firma da empresa DTA já esteve aqui?

Aqui a questão é que eu esqueço nome das duas que já esteve aqui,

Mas já vieram?

Já... já passou.. uhm.... eles ficavam, iam trabalhar.. aí eu fazia o almoço, janta agora eu não faço mais né... aí depois eu aluguei mas eles... eles comiam fora.

Tem lugar pra comer fora qui?

Não, agora tem... tem a menina montou um restaurantezinho aqui, a mulher do Ivanildo, a Rosilda, eu sempre dizia pra ele, mulher.. eu não “guento”, e tu tem já a dadiva, que aquilo que a gente gosta, a gente vai em frente, não é... Então ela colocou, tá indo bem né... aí quando chega alguém já indico pra lá, ou alguma pessoas né..

Dona Gracinha e em relação à infraestrutura da Vila, o quê que a senhora acha que precisa... o quê que os moradores teem necessidades?

Porque a senhora fala em questão de troca, né? Que tem que ter alguma coisa em troca...

Tem que trazer algumas benfeitorias pra cá, por exemplo, ah o posto médico, porque “pros” primeiros socorros, quando tem muita gente porque aqui a gente tem a pressão alta não tem né, agora aqui outro dia eu passei mal, muito mal a noite todinha, e aí tenho que fretar um carro, tenho que ir pra Itupiranga, ainda bem que o menino, duas horas da madrugada, ele veio me aplicar a injeção, foi como eu amanheci o dia, se tivesse um posto médico eu não estaria melhor? Tinha tomado uma injeção, ainda bem que eu tinha aqui na minha casa, né...

Porque tem a prevenção, mas não tem o tratamento.

Pois é... Então tudo isso precisa, e muitas e muitas coisas, porque a sobrevivência, essa é que eles precisa retribuir porque eles vão tirar, vão tirar, como tiraram as primeiras, né... agora vão tirar... tirando a pesca, aí de que que vai sobreviver...? Porque enquanto ele estivesse aqui dentro tudo bem quem tem dinheiro, tem isso tem aquilo, que tá movimentando. Depois que sair, depois que eles forem embora, porque quando dá com 4 anos 5 anos já tá tudo no jeito aí todo mundo vai embora né... aqui precisa melhoria nas casas... das casinhas deles (*os pescadores*) precisa ajudar também para ficar mais bonitinho não é?

O quê que a senhora acha... no sentido de.. Como posso falar... Desse aumento populacional? O quê que a senhora acha disso?

A vida das pessoas? A vinda das pessoas? A senhora já este sentindo essa diferença?

É... vai ficar... aqui a gente já vai ficar com medo, porque pessoa que mora no interior, chegou um homem a gente já fica imaginado, ainda mais que a gente vê na televisão só maldade.

Mas já está acontecendo isso?

Não graças a Deus, não, aqui não, as pessoas que tiveram por aqui tudo são gente boa.

Mas é que algo esperado? Mas é algo esperado? Que venha acontecer?

Com certeza, quando tem multidão, muito homem... é mulher... é bar... aí não tem jeito de não haver desordem,

O que a senhora acha que os governos podem fazer para minimizar esses aspectos negativos, porque vai aumentar o fluxo de gente, vai ter necessidades de um posto de saúde, vai precisar de restaurantes... tudo isso vai precisar...

Açougue, grandes comércios, vem os comércios, ali tudo já faz... né... já é aumento, e aí o tanto de gente que vai vim pras firmas, porque falam muito, eu não sei... que aqui vai dar bastante homem, aonde tem essas firmas assim tem aglomeração, e não só vem os bons, vem aqueles que é pra estragar a felicidade do outro que vem trabalhar... né... pra uma casa, pra ter uma vida melhor, e vem e tira a vida deles por nada, mas é mas é a realidade.

Porque a gente vê nos lugares quando tem essa convivência aí, como foi em Tucuruí muitos e muitos não voltaram, né e aí, mas espera em deus que dá certo.

Mas tudo que a senhora sabe em relação a hidrovía é tudo por alto? (Tudo por alto) não veio ninguém da empresa, fazer uma entrevista com a senhora? (não).falar o que realmente vai acontecer, não teve isso não?

Não, porque a gente espera dos gestores lá, eles é quem é quem tem a prioridade de conversar com eles, *outro o dia Milese* - saber de vocês – sim... que sabe a nossa necessidade. *outro o dia Milese*, ele veio aí botou um drone aí veio um bocado filmaram aí. Aí sim ele falou que era para ir com o governo federal sobre a hidrovia.

Chegou a conversar com a senhora?

Conversei com ele... ele anda aqui o Milese...

Não... não... porque eles andaram muito rápido e aí já iam para lá pra filmar e tudo. Ele só disse que era sobre a hidrovia e ia conversar com o governo federal. Foi isso que ele passou pra mim e pronto.

Os vereadores já fizeram alguma audiência publica? (Não)isso ainda não foi falado não.

Nem conversas informais?

Comunicação nenhuma? Nenhuma? Nenhuma? Não... que eu saiba,não)

Só um disse que me disse... É... fulano disse... que vai ser assim... vai ser assado...

Então a gente espera em Deus que eles não façam que nem a Eletronorte fez com a gente. A Eletronorte era: casa construída, e acabar era de tabua, e nem energia não tinha quando eu fui pra lá... nem água, nada que aqui tudo nós tinha de graça, tudo n's tinha de graça...

E a senhora é... foi indenizada, a senhora recebeu?

Eu... todos nós que estamos aqui, que ainda hoje a gente vive na luta, que agora mesmo em outubro a gente recebeu 5.000,00. Mas olha... a casa construída eles não deram..a sobrevivência que eles disseram que iam dar um ano a cesta básica porque sim... não deram, então muitas coisas ficaram pra trás, que eles não... por isso que nós vive lutando sobre... sobre a questão da Eletronorte, a gente ainda fica lutando ainda. Graças a Deus que ainda tão contribuindo, mas é um dever deles, tirou a gente tá aqui do Lazer de uma coisa tão boa dessa para jogar lá numa casa quente de Brasilit sem água sem energia.

E seus filhos estão juntos nessa luta pelas indenizações ou só a senhora mesmo que fica na linha de frente?

Não eu estou na linha de frente mas tem meus filhos que me aconselha, me guia, me leva.

Então eles também estão preocupados com a vila não é? Não só foram pra lá pra estudar e não voltaram, vocês se veem frequentemente?

É... porque a gente teve que ir pra lá, aí foram crescendo, aí cada já tem sua casa, seu esposo, graças a deus.

Não tem como voltar pra cá também, porque a vila não oferece oportunidade de emprego, emprego é no colégio... Só no colégio e a pessoas ir pescar, tem outras coisas que a pessoa sobrevive bem aqui né....

A senhora tem roça? Tem um pedacinho de terra ou é só aqui mesmo?

É só aqui mesmo...

Porque a gente percebe que os moradores não tem roça mesmo.

Em não... aí fica aproveitando um pedacinho de terra pra plantar uma macaxeira, né pra ir sobrevivendo, rancar a macaxeira quando chega um neto.

Mas antes da hidrelétrica tinha?

Tinha...tinha roça sim, muitas roças..

E vocês foram retirados

Retirados mesmo, foi retirados,